



INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANA CAROLINA SILVA SANTANA

**GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UM ESTUDO DE CASO DO
SEGMENTO ESTUDANTIL FEMININO DE GRADUAÇÃO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

MONOGRAFIA

Uberlândia

2019

ANA CAROLINA SILVA SANTANA

**GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS: UM ESTUDO DE CASO DO
SEGMENTO ESTUDANTIL FEMININO DE GRADUAÇÃO NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Trabalho de monografia apresentado ao curso de
Ciências Sociais, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais.

Orientador: Leonardo Barbosa e Silva

Uberlândia
2019

Dedico este trabalho a todas as mulheres que lutaram para que eu tivesse a oportunidade e as condições para estar aqui.

Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos a todas as pessoas que em maior ou menor medida estiveram presentes nestes últimos anos em que estive cursando a Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de Uberlândia. Em especial à Stênio e a Alice pelo fundamental companheirismo. A meus familiares, em especial, minha mãe Gislaine, minha irmã Lara e minha tia Elisangela. Aos amigos das horas mais difíceis e das horas mais felizes: Cecília Paixão, Thais Ferreira e Danilo Profirio, eu não poderia desejar amigos melhores. Aos docentes do curso de Graduação em Ciências Sociais, em especial, Patrícia Trópia e meu orientador Leonardo Barbosa e Silva, pelo exemplo de integridade acadêmica e estímulo. E, finalmente, ao Observatório de Políticas Públicas pelos valiosos ensinamentos e apoio.

*“Os filósofos se limitaram a
interpretar o mundo diferentemente,
cabe transformá-lo”*

Karl Marx

*“So we’re different colours
And we’re different creeds
And different people have different
needs”*

Depeche Mode

Resumo

O espaço escolar tem sido ocupado pelas mulheres no Brasil, mesmo que inicialmente de maneira tímida, desde o século XIX. Este espaço privilegiado para a formação humana e profissional é marcado por desigualdades de classes, étnico-raciais e de gênero, uma vez que a dinâmica de exclusão externa ao espaço escolar é nele reproduzida. Na Universidade Federal de Uberlândia as mulheres são majoritárias nos cursos de graduação, porém se faz necessário entender quais as condições e qual o perfil da estudante de graduação na UFU. Para tanto se fará uso dos microdados do Censo da Educação Superior dos anos de 2014, 2015, 2016 e 2017, lidos a partir de um software estatístico para extrair frequências e tabelas. Analisaremos os dados à luz de teorias de gênero e de interseccionalidade. Ao final, poderá se perceber que as estudantes do sexo feminino têm um perfil de maior vulnerabilidade, porém aproveitam mais as oportunidades acadêmicas. A pesquisa também demonstra que apesar de serem maioria e se formarem mais, as mulheres ainda se organizam nos cursos de acordo com a divisão sexual do trabalho, ou seja, existe um viés sexual na escolha dos cursos na UFU.

Palavras-chave: Ensino Superior; Gênero; UFU; Assistência Estudantil.

Abstract

The school space has been occupied by women in Brazil, even if initially in a timid way, since the 19th century. This privileged space for human and professional formation is marked by class, ethnic-racial and gender inequalities, since the dynamics of exclusion external to the school space is reproduced in it. At the Federal University of Uberlândia women are majority in undergraduate courses, but it is necessary to understand the conditions and profile of undergraduate students at UFU. To this end, we will use the microdata of the Census of Higher Education of 2014, 2015, 2016 and 2017, read from statistical software to extract frequencies and tables, we will analyze the data in light of gender and intersectionality theories. In the end, it may be perceived that female students have a profile of greater vulnerability, but take more advantage of academic opportunities. The research also demonstrated that although they are a majority and women are even more organized in the courses according to the sexual division of work, that is, there is a sexual bias in the choice of courses at the UFU.

Keywords: Higher Education; Gender; UFU; Student Assistance.

Sumário

Sumário	7
Lista de tabelas	8
Lista de Gráficos	11
Introdução	13
Gênero e Educação: Uma Breve Revisão bibliográfica	17
Perfil da Estudante de Graduação na Universidade Federal de Uberlândia	26
Conclusões	60
Referências Bibliográficas	62

Lista de tabelas

Tabela 1: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia segundo sexo entre 2014 - 2017	26
Tabela 2: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2014	29
Tabela 3: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2015	30
Tabela 4: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2016	30
Tabela 5: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2017	30
Tabela 6: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2014	32
Tabela 7: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2015	33
Tabela 8: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2016	33
Tabela 9: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2017	33
Tabela 10: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2014.....	36
Tabela 11: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2015.....	36
Tabela 12: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2016.....	37
Tabela 13: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2017.....	37
Tabela 14: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2014	39

Tabela 15: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2015	40
Tabela 16: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2016	40
Tabela 17: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2017	41
Tabela 18: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2014	44
Tabela 19: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2015	44
Tabela 20: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2016	45
Tabela 21: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2017	45
Tabela 22: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2014.....	46
Tabela 23: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2015.....	46
Tabela 24: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2016.....	47
Tabela 25: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2017.....	47
Tabela 26: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2014.....	48
Tabela 27: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2015	49
Tabela 28: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2016	49
Tabela 29: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2017	49
Tabela 30: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2014.....	50
Tabela 31: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2015.....	51

Tabela 32: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2016.....	52
Tabela 33: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2017.....	52
Tabela 34: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2014	53
Tabela 35: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2015	53
Tabela 36: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2016	54
Tabela 37: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2017	54
Tabela 38: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2014.....	55
Tabela 39: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2015.....	56
Tabela 40: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2016.....	56
Tabela 41: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2017.....	56
Tabela 42: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014.....	58
Tabela 43: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015.....	58
Tabela 44: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016.....	59
Tabela 45: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017.....	59

Lista de Gráficos

Gráfico 1 : Profissões com grande ocupação de mulheres.....	21
Gráfico 2: Rendimento médio mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça – Brasil, 1995 a 2015	23
Gráfico 3: Presença das estudantes de graduação de 2014 a 2017 na Universidade Federal de Uberlândia.....	27
Gráfico 4: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014	27
Gráfico 5: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015	28
Gráfico 6: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016	28
Gráfico 7: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017	29
Gráfico 8: Estudantes de graduação do sexo feminino por turno na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017	31
Gráfico 9: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014	34
Gráfico 10: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015.....	34
Gráfico 11: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016.....	35
Gráfico 12: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPQ na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017.....	35
Gráfico 13: Percentual de estudantes de graduação do sexo feminino por cor/raça na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017.....	38
Gráfico 14: Estudantes de graduação do sexo feminino por tipo de ingresso na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017.....	43

Gráfico 15: Estudantes de graduação do sexo feminino que ingressaram através de cotas na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017	55
Gráfico 16: Estudantes de graduação do sexo feminino por escola de origem na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017	57

Introdução

A ocupação do espaço público por mulheres tem ganhado evidência nas últimas décadas no Brasil e no mundo. Não que as mulheres não o tivessem ocupado em momentos anteriores da História, mas que, nas últimas décadas, sobretudo a partir da intensificação luta das mulheres (movimento feminista), o espaço público tem sido mais ocupado por elas.

No Brasil, isso se traduziu não só pela possibilidade do voto feminino a partir da década de 1930 (BELTRÃO; ALVES, 2009) ou do ingresso massivo de mulheres no mercado formal de trabalho a partir da década de 1970 (HOFFMANN; LEONE, 2004), como também se manifestou a partir do ingresso massivo ao ensino formal em todos os seus níveis (BELTRÃO; ALVES, 2009).

O espaço escolar tem sido ocupado pelas mulheres no Brasil, mesmo que inicialmente de maneira tímida, desde o século XIX (VIANNA; UNBEHAUM, 2004). Este espaço privilegiado para a formação humana e profissional é marcado por desigualdades de classes, étnico-raciais e de gênero, uma vez que a dinâmica de exclusão externa ao espaço escolar é nele reproduzida (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Em que pesem as pesquisas de perfil dos graduandos das IFES (FONAPRACE/ANDIFES, 2004, 2014 e 2018) terem demonstrado que mulheres são maioria entre discentes com matrícula ativa nas IFES, as pesquisas também evidenciaram as diferenças entre as médias de renda per capita entre estudantes de graduação do sexo feminino e masculino, em que a média de renda masculina é maior que a média de renda feminina.

Outros aspectos importantes que a pesquisa (FONAPRACE/ANDIFES, 2018) revela são: 1) sobre as oportunidades de mobilidade acadêmica em que estudantes pertencentes a classes mais populares tem pouco acesso a esse tipo de oportunidade; e 2) a distribuição entre os sexos pela área de conhecimento em que a proporção dos discentes do sexo masculino é 2 para 1 nas Ciências Exatas e da Terra e Engenharias, enquanto a proporção das discentes do sexo feminino é na proporção de 2 para 1 nas Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Linguística e Letras.

Constatamos a partir das pesquisas de perfil dos estudantes de graduação das IFES que os perfis de estudantes mais vulneráveis são majoritários em certas trajetórias, ou seja, os estudantes não são distribuídos entre os cursos de maneira homogênea (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Neste contexto, é importante lembrar que o Estado moderno tem a função de garantir que a população tenha um nível cultural e moral para atender as necessidades desenvolvimento das forças produtivas, nesse sentido as Universidades se apresentam dialeticamente como um instrumento de classe e um lugar de luta por hegemonia (GRAMSCI, 2012). É importante salientar que aparelhos privados de hegemonia não são compostos apenas por conflitos de classe, como também por conflitos hegemônicos raciais e de gênero, deste modo, apesar do ensino superior apresentar as contradições de gênero, classe e raça, o mesmo também é uma ferramenta para a ascensão social (BELTRÃO; ALVES, 2009).

A divisão sexual está presente em diversas esferas da vida social, que atribuem a diferença entre feminino e masculino significados variados e de natureza política, é possível inclusive observar no ensino a significação das relações de poder (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005). No capitalismo as diferenças entre os sexos são utilizadas para hierarquizar as atividades realizadas pelos sexos criando um sistema de gênero, assim a divisão sexual do trabalho tem como características a designação prioritária dos homens para a esfera produtiva e das mulheres para a esfera reprodutiva (HIRATA, KERGOAT, 2007).

As relações da divisão sexual do trabalho não são imutáveis e têm modalidades que mudam de acordo com o tempo e o espaço, porém, a distância entre os sexos ainda se mantém, como é possível notar através do estudo do IBGE (2019) que confirma que as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens no Brasil. Assim, apesar das mulheres serem maioria no ensino superior (INEP, 2015), a divisão sexual do trabalho ainda faz com que essas profissionais ainda recebam percentualmente menos do que os homens e ainda se concentrem em cursos no ensino superior que reproduzem papéis sexuais no mercado de trabalho.

É importante destacar que dentro do sistema capitalista os eixos de diferenciação social classe, raça e gênero influenciam de maneira distinta as experiências do indivíduo a depender do seu lugar de origem, sexo ou cor, no entanto esses eixos de diferenciação fazem parte do mesmo sistema (HIRATA, 2014). Assim é possível compreender que as trajetórias e escolhas das estudantes de graduação terão relação direta com sua classe social e sua cor.

O objetivo geral dessa pesquisa é, inicialmente, identificar o perfil da estudante de graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Como objetivo específico pretendemos: 1) avaliar o acesso às oportunidades sociais, econômicas e acadêmicas no

âmbito da UFU para as estudantes de graduação; 2) avaliar o nível de cobertura das políticas públicas da UFU para permanência da estudante universitária de graduação, no que tange à redução das desigualdades de gênero.

A partir de um enfoque das teorias de gênero, procuramos fazer uma análise do perfil da estudante de graduação na UFU. Para tal, analisamos e tabulamos os dados do Censo do Ensino Superior dos anos de 2014, 2015, 2016 e 2017 com o software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

A pesquisa está em consonância com o objetivo artigo 5º da Constituição Federal de 1988 declara que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza (BRASIL, 1988), nesse sentido se faz importante entender qual o perfil da estudante de graduação para compreender suas necessidades específicas.

Além disso, cabe destacar que o “Objetivo 3” dentre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) da Organização das Nações Unidas (ONU) refere-se a “Igualdade entre os sexos e valorização da mulher”.

“Superar as disparidades entre meninos e meninas no acesso à escolarização formal e promover políticas que ofereçam oportunidades para mulheres ocuparem papéis cada vez mais ativos no mundo econômico e política são ações essenciais para a superação das desigualdades de gênero” (BRASIL, [s.d.]).

Portanto, o tema desta pesquisa está em sintonia com os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio no que tange à “Igualdade entre os sexos e valorização da mulher”. E mais, que isso, em sintonia com as demandas dos movimentos sociais de mulheres no que tange à igualdade de gênero.

Pesquisas que buscam compreender os mecanismos sociais de desigualdade de gênero presentes na educação são um importante passo que podem estabelecer uma base para políticas afirmativas e ações de movimentos sociais que buscam pela equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia assim levando a possíveis melhorias das condições femininas na educação.

O FONAPRACE (Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Acadêmicos) também indicou o gênero como uma categoria fundamental para compreensão do ensino superior nas IFES, pois a pesquisa de perfil socioeconômico e cultural dos estudantes dos institutos federais em 1996-1997 e 2003-2004 revelou que a maioria dos estudantes é composta por jovens mulheres, solteiras, sem filhos, moram com seus familiares e utilizam transporte público.

Para análise específica de uma ação local com típica feição de gênero, solicitamos os dados referentes à bolsa creche junto a Pró-reitoria de Assistência Estudantil da Universidade Federal de Uberlândia. Tínhamos proposto no projeto de pesquisa o estudo desta ação, mas, infelizmente, não conseguimos acesso aos dados com tempo hábil para trabalhá-los e devido a esse contratempo não poderemos apresentar essa parte da pesquisa. A pesquisa também tomou rumos diferentes do que tínhamos proposto no projeto, porém acreditamos que conseguimos entregar uma pesquisa que tratou os dados com a responsabilidade que eles exigiram e que deu resposta a maioria dos objetivos propostos no projeto traçando o perfil da estudante de graduação e avaliando o nível de eficácia das políticas públicas da UFU para permanência da estudante universitária de graduação, no que tange à redução das desigualdades de gênero.

A pesquisa apresenta como resultados o perfil da estudante de graduação na Universidade Federal de Uberlândia com referência nos dados do Censo da Educação Superior, esse perfil passa fundamentalmente por estudantes que intuimos que sejam mais vulneráveis de acordo com os dados oficiais, as estudantes de graduação têm maior presença na assistência estudantil, tem maior presença nas atividades acadêmicas, se formam mais, tem uma origem maior pelas cotas que os estudantes do sexo masculino, tem maior origem nas escolas públicas. As estudantes do sexo feminino têm um perfil de maior vulnerabilidade, porém aproveitam mais as oportunidades acadêmicas. Por fim, observamos que apesar de serem maioria e se formarem mais as mulheres ainda se organizam nos cursos de acordo com a divisão sexual do trabalho, ou seja, existe um viés sexual na escolha dos cursos na UFU.

A pesquisa é estruturada em três capítulos, o primeiro com a revisão bibliográfica sobre as temáticas de gênero e educação, o segundo capítulo comporta os resultados e a discussão e o último capítulo traz as considerações finais sobre o trabalho.

Gênero e Educação: Uma Breve Revisão bibliográfica

Somente na década de 1990 que as relações de gênero na educação ganharam maior visibilidade com reivindicações que visavam o desenvolvimento de medidas que contrapusessem à discriminação da mulher, porém, segundo Vianna, ainda são poucas as pesquisas que abordam a discussão da igualdade entre os sexos em âmbito acadêmico e o impacto das relações de gênero nas políticas públicas educacionais (VIANNA; UNBEHAUM, 2004).

Para analisarmos o ensino superior na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), é, *a priori*, necessário partir de alguns pressupostos que dão sustentação para a análise do objeto desta pesquisa. Um destes pressupostos é a natureza da sociedade e seu modelo de Estado. Portanto, deve-se, primeiramente, compreender o papel do Estado e sua relação com a educação.

Para Gramsci, o Estado moderno nas sociedades ocidentais é dialeticamente formado por dois planos ligados de maneira equilibrada: o plano da sociedade política e o plano da sociedade civil, formando assim o conceito de Estado integral. Deste modo, o aparelho de hegemonia e o aparelho de coerção típico do Estado formam o Estado integral, então as escolas em todos os seus níveis também fazem parte do Estado como importantes aparelhos hegemônicos para criação de consenso social (GRAMSCI, 2001).

Uma das funções mais importantes do Estado para Gramsci é garantir que a população em geral tenha um nível cultural e moral que vai ser correspondente às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e como consequência articuladas aos interesses das classes dominantes (GRAMSCI, 2012). Gramsci denomina esse Estado “educador” de Estado ético, assim considerando o Estado enquanto hegemonia para criação de uma consciência moral.

Na concepção gramsciana, o Estado integral e, por consequência, os espaços educacionais como a universidade não são totalmente homogêneos, pois constituem ao mesmo tempo um instrumento de classe e um lugar de luta por hegemonia. Logo, nas instituições de ensino superior são realizadas práticas e teorias em que a classe dirigente se justifica e mantém seu domínio através do consenso ativo dos governados, porém, também é arena onde se constitui a luta de classes visando à obtenção da direção político-ideológica e do consenso.

Para efeito desta pesquisa, é possível estender a compreensão gramsciana também para desigualdades que não são somente de classe, ou seja, os aparelhos privados de hegemonia também podem estar compostos de conflitos hegemônicos raciais e de gênero. Deste modo, em que pese o ensino superior apresentar as contradições de gênero, classe e raça, o mesmo também é uma ferramenta para a ascensão social. Porém, é importante salientar que as mulheres serem maioria nas universidades (BELTRÃO; ALVES, 2009) não significa necessariamente que as relações de dominação masculina deixaram de existir e que as mulheres estão em pé de igualdade aos homens nas questões educacionais, de trabalho e sociais.

A concepção de classe à qual nos afiliamos para o desenvolvimento de pesquisa é descrita por Karl Marx no livro *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, segundo o texto as classes sociais são formadas por “milhões de famílias existindo sob as mesmas condições econômicas que separam o seu modo de vida, os seus interesses e a sua cultura do modo de vida, dos interesses e da cultura das demais classes, contrapondo-se a elas como inimigas”

Gênero é uma categoria analítica extremamente ampla e com várias perspectivas díspares. Cabe então afirmar que o conceito de gênero abordado pela pesquisa é de diferenciação entre os gêneros socialmente construídos de mulher e homem insistindo no caráter sócio-histórico de tal conceito, e também a relações de gênero enquanto processo social histórico.

Para dar subsídio à nossa análise, importa refletir, inicialmente, sobre algumas categorias essenciais. Toma-se como ponto de partida que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAVOIR, 2001). Esta frase de impacto é utilizada por Beauvoir para exemplificar que não existe nenhuma característica biológica, econômica ou psíquica que justifique a condição feminina assumida em nossa sociedade. Mesmo manifestando capacidade intelectual e física análoga a dos meninos de uma mesma faixa etária, a menina é exposta desde a mais tenra idade a um complexo de condições, comportamentos e limites que definem ao longo do tempo seu destino dentro da lógica social. Claramente, mulheres de classes e raças diferentes vivem diferentes experiências dentro do sistema capitalista, entretanto todas são afligidas de maneira mais ou menos clara pela opressão de gênero.

A maneira desigual com que são tratadas as mulheres chamou a atenção de estudiosas feministas, e foi no seio do feminismo que surgiram as teorias e discussões sobre gênero, na tentativa de descobrir o porquê as mulheres são categorizadas como o

“segundo sexo” (BEAVOIR, 2001). O gênero foi utilizado como uma categoria de análise que se refere, para além da classificação presente na gramática, também a um aparelhamento social entre os sexos. Não podemos ignorar o caráter social, político e histórico das relações de gênero (SCOTT, 1990).

“elemento construtivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (e como) um primeiro modo de dar significado as relações de poder” (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005).

Com o passar do tempo de vida, mais a hierarquia dos sexos se torna aparente e se presencia a constante afirmação da superioridade masculina, tudo à nossa volta contribui para crença de que as mulheres não foram feitas para a vida política, filosófica etc. Foi recente na história da humanidade que as contribuições científicas e históricas de mulheres têm sido aceitas, mesmo que ainda hoje existam bloqueios que impedem as mulheres de ter o reconhecimento de um trabalho masculino (TOSI, 1998).

A historiadora Joan Scott discorre sobre como a divisão sexual está presente em diversas esferas, que atribuem a diferença entre feminino e masculino significados variados e de natureza política, num movimento de construção das organizações sociais o gênero constrói e mantém a política e a política constrói e mantém o gênero (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005). O gênero está presente nas políticas educacionais em todas as modalidades de ensino como forma de dar significação às relações de poder (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005).

A luta das mulheres por direitos, que incluem a educação, tem caráter histórico. Olympe de Gouges, por exemplo, durante a revolução Francesa elaborou a Declaração dos direitos da mulher e da cidadã que data de 1791 e sua própria versão de Tratado Social de 1788, onde discorre sobre os direitos que, *a priori*, eram exclusivamente masculinos fossem também garantidas as mulheres além de oferecer propostas de reformas sociais e políticas que abrangessem também o sexo feminino (SCOTT; KLANOVICZ; FUNCK, 2005). Mesmo sendo a maioria populacional, devido às relações de poder estabelecidas socialmente, as mulheres ainda são tratadas como minoria.

Durante muitas décadas, a presença das mulheres brasileiras foi inibida nos ambientes escolares e foi apenas na primeira metade do século XIX que apareceram algumas instituições voltadas para o ensino das mulheres (BELTRÃO; ALVES, 2009). Porém tais instituições mantinham o caráter de especializações baseado nos gêneros, às mulheres eram reservadas as funções como magistério (educação primária) e manutenção

do papel de esposa e mãe, o que acabou por inviabilizar, momentaneamente, a participação das mulheres nas instituições de ensino superior durante todo o século XIX (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Um marco institucional brasileiro foi o decreto imperial de 1881, responsável por facultar a matrícula de mulheres nos cursos superiores. Até então, os cursos abertos no Brasil, como Medicina (1808), Direito e Engenharia (1810) tinham exclusividade masculina. Foi em 1887 que a primeira mulher brasileira, Rita Lobato Velho Lopes, recebeu o título de médica. Mesmo que em proporção menor que a dos homens, as mulheres brasileiras começaram a aumentar sua taxa de matrículas no ensino secundário e superior, onde alcançavam apenas 1,5% no início do século XX (BELTRÃO; ALVES, 2009).

A partir dos anos 1960, as mulheres brasileiras começaram a ter maiores chances de concorrer a vagas no vestibular para ingressar no ensino superior, sobretudo porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), de 1961, garantiu a equivalência de todos os cursos de grau médio. E a partir da metade do século XX as mulheres brasileiras reverteram o hiato de gênero em todos os níveis da educação (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Considerando a dimensão do trabalho, a mulher também avançou em ocupar espaços. A participação feminina na população economicamente ativa (PEA) saiu de 19% em 1940 para 46,1% em 2011” (IBGE, 2012). No entanto, mesmo ocupando níveis muito próximos aos dos homens na PEA, os desafios à participação da mulher no mercado de trabalho revelam o machismo de nossa sociedade. Em 2011, o rendimento médio do trabalho das mulheres foi R\$ 1.343,81, o que representa 72,3% do que recebiam os homens (R\$ 1.857,63). Também em 2011 foi constatado que “As mulheres, independente do grupo de anos de estudo que se enquadrem, em média, recebem menos que os homens” (IBGE, 2012). O que tem gerado palavras de ordem para os movimentos sociais no Brasil como, por exemplo, “Trabalho igual, salário igual” (MOVIMENTO MULHERES EM LUTA, 2011).

Nesse sentido, o conceito de divisão sexual do trabalho faz-se importante para compreender a condição feminina no âmbito de um sistema capitalista patriarcal e racista. O conceito de divisão sexual do trabalho entre outras coisas trata da diferença de homens e mulheres no mundo do trabalho, ou seja, é a divisão do trabalho que decorre das relações sociais entre os sexos (HIRATA, KERGOAT, 2007).

Porém, não cabe simplesmente demonstrar a existência da desigualdade e sim mostrar que essas desigualdades são sistêmicas. É importante trazer uma reflexão de como os processos sociais no capitalismo se utilizam da diferenciação entre os sexos para hierarquizar as atividades realizadas pelos sexos criando um sistema de gênero.

Na sociedade capitalista ocidental, a divisão sexual do trabalho tem como características a designação prioritária dos homens para a esfera produtiva e das mulheres para a esfera reprodutiva. Esta forma particular de divisão social do trabalho é regida por dois princípios organizadores: o princípio da organização e o princípio hierárquico, um diz respeito à divisão de trabalhos entre homens e mulheres e o outro diz respeito à hierarquia em que trabalhos tipicamente masculinos valem mais que trabalhos tipicamente femininos (HIRATA, KERGOAT, 2007). Tal fato é demonstrado no gráfico da Agência de Notícias IBGE (2019) sobre as profissões com grande ocupação de mulheres.

Gráfico 1 : Profissões com grande ocupação de mulheres.



Fonte: Agência de Notícias IBGE (2019).

Logicamente, a divisão sexual do trabalho não é um dado imutável e tem modalidades que mudam de acordo com o tempo e o espaço, o que continua é a distância entre os sexos. As mulheres sempre fizeram parte do mundo do trabalho, mulheres negras escravizadas trabalhavam tanto quanto homens negros, assim como mulheres pobres o fizeram em relação aos homens pobres. Com o advento da revolução industrial, as mulheres pobres ingressaram em massa como força de trabalho fabril, ora, o capitalismo precisa de trabalho humano para gerar lucro e nesse sentido tanto mulheres, quanto homens foram explorados. Porém, chama a atenção o fato de que a exploração das trabalhadoras assalariadas no período pós-revolução industrial foi mais intensa do que a exploração de seus companheiros de trabalho, o que permite dizer que no capitalismo industrial o sexismo emergiu como uma fonte de sobrelucro (DAVIS, 2016).

Apesar da luta histórica das mulheres, a distância entre homens e mulheres continua, como é possível observar através do estudo do IBGE de 2018 em que se confirma que as mulheres ainda ganham, em média, 20,5% menos que os homens no Brasil (IBGE, 2019).

Não obstante o fato de as mulheres serem maioria no ensino superior (INEP, 2015), a divisão sexual do trabalho ainda faz que essas profissionais ainda recebam percentualmente menos que os homens. E a maioria das mulheres ainda se forma para profissões de cuidado e ensino infantil, atividades consideradas tipicamente femininas, assim homens e mulheres ainda reproduzem papéis sexuais no mercado de trabalho e nas instituições de educação superior. As questões do mundo trabalho nos suscitam questões para o mundo acadêmico. Entendemos que o fato de as mulheres passarem a ocupar, gradualmente, mais postos no mundo do trabalho ou no ambiente escolar formal não significa o fim do machismo ou das relações de poder de gênero, mas sua reposição em um patamar mais complexo. Neste sentido, o fato de as mulheres ocuparem mais postos de trabalho não quer dizer que elas venham a ganhar o mesmo salário para as mesmas funções.

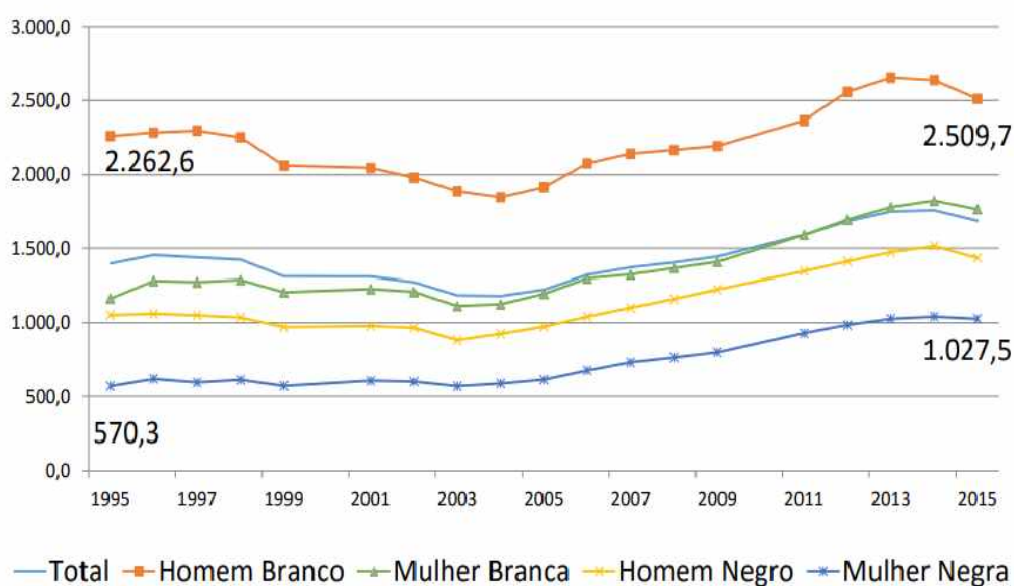
Assim, o conceito interseccionalidade ganha importância. Elaborado pela jurista Kimberlé W. Crenshaw o conceito diz respeito a um sistema de sobreposição de opressões em que o mesmo indivíduo pode sofrer como a opressão de gênero, raça e classe (HIRATA, 2014). Tendemos a pensar que os eixos de diferenciação social tais como classe, raça e gênero influenciam de maneiras separadas na vida das pessoas, porém as mesmas funcionam dentro da lógica de um mesmo sistema que é classista, racista e patriarcal.

De acordo com o conceito de interseccionalidade, em um mesmo sistema, indivíduos experienciaram as opressões de maneiras distintas. Uma mulher branca terá experiências diferentes de uma mulher negra, assim como uma mulher negra terá experiências diferentes de um homem negro e uma mulher pertencente a uma classe mais abastada terá experiências diferentes de uma mulher que tem sua origem nas classes populares.

É possível se observar a importância do conceito interseccionalidade para compreender as relações sociais de poder refletidos nos dados do estudo *Retrato das desigualdades de gênero e raça - 20 anos* realizado pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em 2017, a pesquisa nos mostra que o salário médio de mulheres negras de 1995 a 2015 era R\$ 1.027,50, enquanto o de homens brancos era R\$ 2.509,70 - ou seja, o rendimento do primeiro grupo equivale a 40,9% do segundo.

Gráfico 2: Rendimento médio mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça – Brasil, 1995 a 2015

Rendimento médio mensal no trabalho principal da população ocupada de 16 anos ou mais de idade, por sexo e cor/raça – Brasil, 1995 a 2015



Fonte: Pnad/ IBGE. Elaboração: IPEA/DISOC/NINSOC

* rendimento do trabalho principal deflacionado com base no INPC, período de referência set./2015

Fonte: IPEA (2017).

Depois de anos de lutas por parte da sociedade civil, principalmente o segmento estudantil e movimentos sociais, a Constituição de 1988 foi promulgada garantindo direitos políticos e sociais e afirmando que é dever do Estado garantir fundamentalmente

uma educação gratuita e de qualidade, assim como também é dever do Estado garantir as condições de permanência para os estudantes da rede pública (BRASIL, 1988).

Visando garantir na prática o que estava na lei, depois de grandes esforços coletivos, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) foi promulgado em dezembro de 2007 e tem como foco o fornecimento de recursos para garantir a permanência dos estudantes com vulnerabilidades econômicas, buscando assim minimizar a evasão e retenção desses estudantes (VASCONCELOS, 2010).

O FONAPRACE (Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Comunitários e Acadêmicos) realizou pesquisas sobre o perfil socioeconômico e cultural dos estudantes dos institutos federais em 1996-1997 e 2003-2004. As pesquisas indicaram novamente que a questão de gênero é de suma importância para compreensão, pois segundo a pesquisa a maioria dos estudantes é composta por jovens mulheres, solteiras, sem filhos, moram com seus familiares e utilizam transporte público.

Assim as pesquisas realizadas pelo FONAPRACE indicaram parâmetros para definir as diretrizes dos programas e projetos que seriam desenvolvidos nos institutos federais (VASCONCELOS, 2010).

Os resultados da pesquisa nas Instituições Federais de Ensino – IFES – demonstram ainda os principais indicadores sociais de sobrevivência: moradia, alimentação, transporte, saúde, manutenção e trabalho (VASCONCELOS, 2010).

No ano de 2014 a IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES constatou que 52,7% dos graduandos em institutos federais são mulheres, porém também se observou que existem discrepâncias no que tange as rendas médias entre graduandas e graduandos, enquanto as estudantes do sexo feminino têm em média R\$ 835,00 de renda per capita os estudantes do sexo masculino têm em média R\$ 1.007,00.

Embora o grande número de mulheres cursando o ensino superior público, é possível notar que as desigualdades de gênero e classe repercutem no acesso as oportunidades acadêmicas de mobilidade internacional e nacional, pois a maioria dos graduandos que tem acesso a mobilidade acadêmica são homens com per capita considerável (FONAPRACE/ANDIFES, 2014).

A V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES observou o crescimento da participação das discentes do sexo feminino de 52,7% população de graduandos em 2014 para 54,6% em 2018.

No que tange à distribuição dos sexos pelas áreas do conhecimento, a pesquisa demonstrou que a proporção dos discentes do sexo masculino é 2 para 1 nas Ciências Exatas e da Terra e Engenharias, enquanto a proporção das discentes do sexo feminino é na proporção de 2 para 1 nas Ciências da Saúde, Ciências Biológicas, Ciências Humanas e Linguística e Letras (FONAPRACE/ANDIFES, 2018).

Deste modo, foi observada em todas as pesquisas de perfil dos estudantes de graduação das IFES a importância de garantir ações como a bolsa moradia, bolsa transporte, além de manter e ampliar programas que garantam a alimentação e a saúde mental dos estudantes para garantir a permanência e o aproveitamento máximo do aprendizado dos estudantes que tem vulnerabilidades socioeconômicas.

Na obra *Os Herdeiros*, P. Bourdieu e J. C. Passeron discorrem sobre como a origem social influencia diretamente nas trajetórias e nas futuras escolhas dos estudantes do ensino superior, a pesquisa traz à luz que a discussão é complexa e não deve ser baseada exclusivamente no mérito individual. As escolhas no âmbito do ensino superior não são livres como propõe o senso comum, os estudantes não são distribuídos de homogênea entre os cursos, ao contrário as escolhas são diretamente influenciadas pela origem social (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

As estudantes do ensino superior eram afetadas por uma “restrição de escolha” e se concentravam em cursos nas faculdades de Letras e nos cursos de formação docente, sendo essa divisão mais aparente nas estudantes de classes mais populares e menos aparente nas estudantes pertencentes a grupos privilegiados (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Perfil da Estudante de Graduação na Universidade Federal de Uberlândia

A pesquisa buscou, a partir de um enfoque das teorias de gênero, fazer uma análise das condições da estudante de graduação na UFU. Para a análise e o tratamento dos dados, utilizamos o software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

Com o intuito de traçar o perfil da estudante de graduação assim como para avaliação do acesso às oportunidades sociais, econômicas e acadêmicas no âmbito da UFU para as estudantes de graduação, fizemos uma pesquisa documental utilizando os dados do Censo da Educação Superior dos anos 2014, 2015, 2016 e 2017.

Tabela 1: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia segundo sexo entre 2014 - 2017

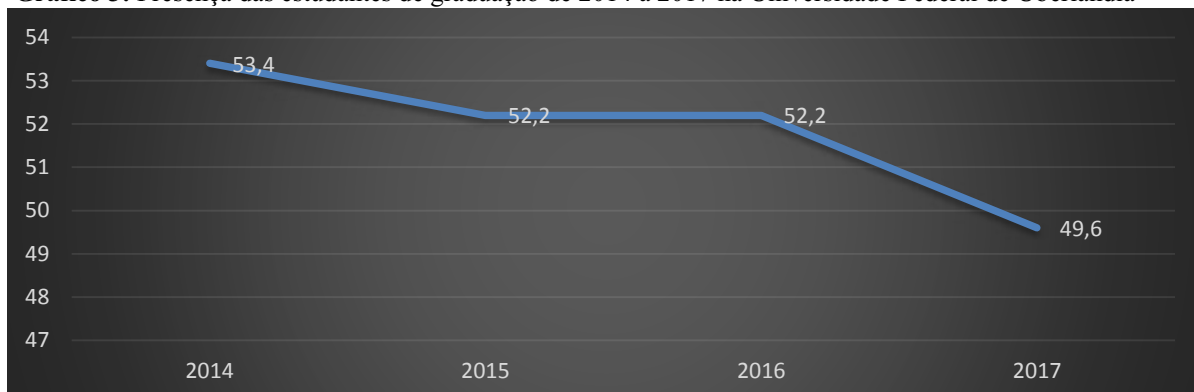
	2014	2015	2016	2017
Feminino	53,4%	52,2%	52,2%	49,6%
Masculino	46,6%	47,8%	47,8%	50,4%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015 2016 e 2017(tabulação própria).

A presença feminina na Universidade Federal de Uberlândia teve pouca variação ao longo dos anos estudados. Em 2014, o total de graduandas da UFU era de 53,4% em relação ao total do corpo discente, enquanto os graduandos representavam 46%. Em 2015, a presença feminina representava 52,2% e a masculina 47,8%. Já no ano de 2016, as graduandas representavam 52,2% enquanto os graduandos representavam 47,8%, o ano de 2017 apresenta que 49,6% dos alunos de graduação era feminina enquanto 50,4% era masculina.

Podemos observar que durante o período analisado, a presença das estudantes de graduação teve pouca alteração e na maioria dos anos se apresenta em maior porcentagem que os graduandos. Em que pese os anos de 2014 a 2016 apresentarem maioria feminina entre os (as) estudantes observamos uma trajetória de queda que em 2017 representa de 2,6 p.p. de diferença com o ano anterior na presença feminina na graduação a UFU.

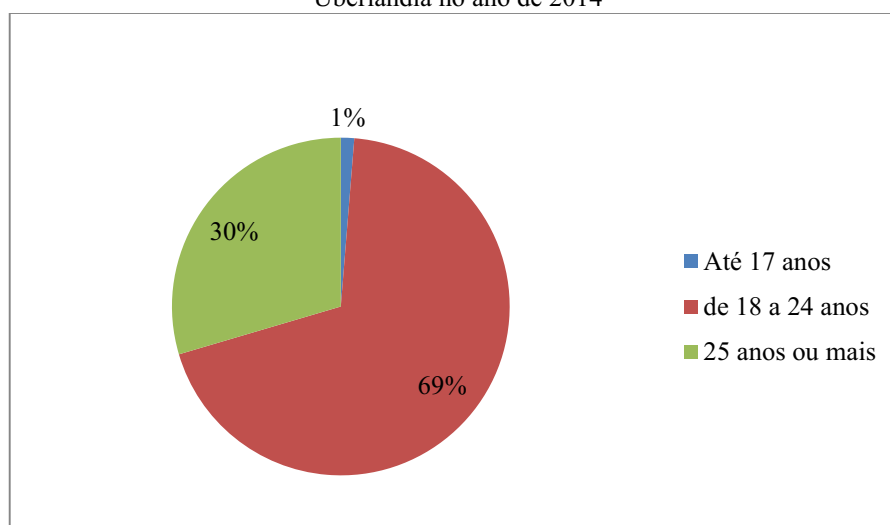
Gráfico 3: Presença das estudantes de graduação de 2014 a 2017 na Universidade Federal de Uberlândia



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017 (Criação própria).

É possível observar as questões tratadas no parágrafo anterior através do gráfico acima, pois este demonstra uma tendência de queda na participação feminina dentro do corpo discente da UFU.

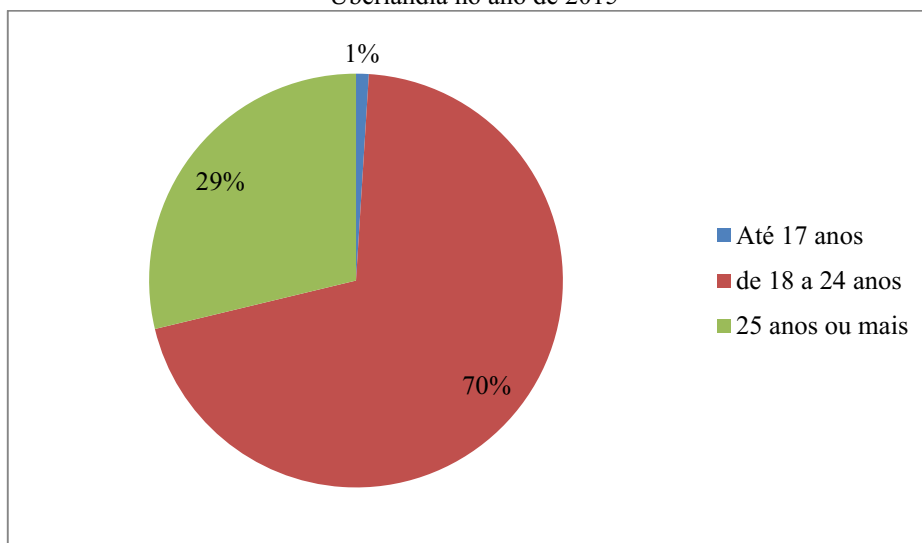
Gráfico 4: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014



Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (Criação própria).

No ano de 2014 a maioria das estudantes de graduação tinha entre 18 a 24 ocupando a porcentagem de 69% no Gráfico 3, 30% tinha mais de 25 anos e apenas 1% tinha até 17 anos.

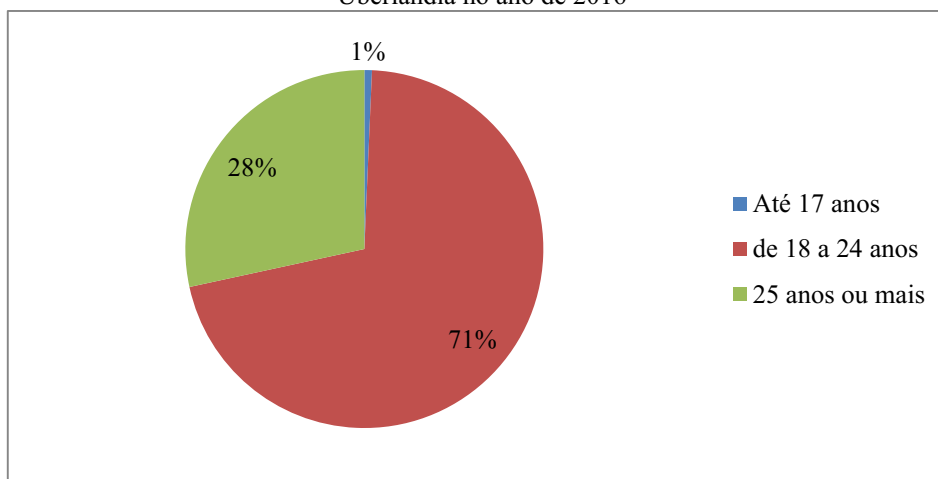
Gráfico 5: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015



Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (Criação própria).

Já no ano de 2015 70% das estudantes de graduação tinham de 18 a 24 anos, 29% tinha mais de 25 anos e 1% tinha até 17.

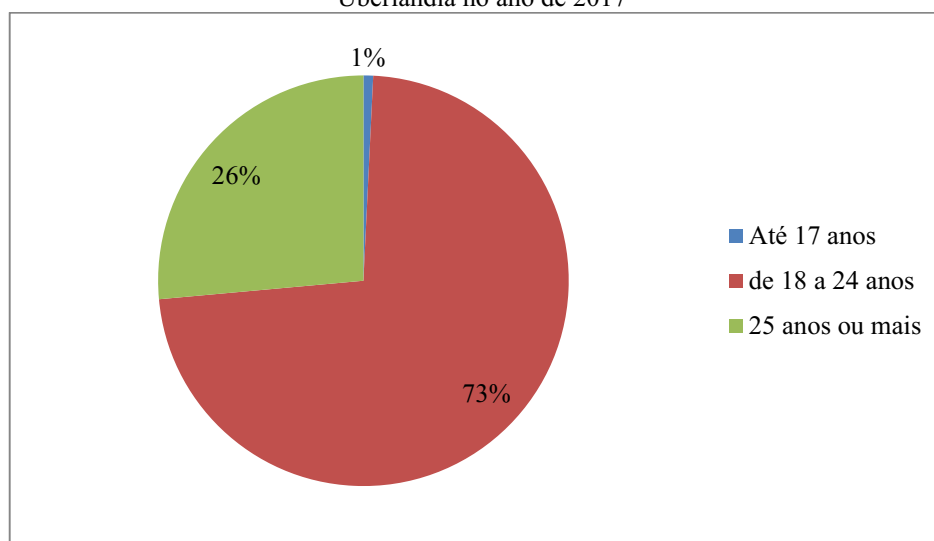
Gráfico 6: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016



Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (Criação própria).

No ano de 2016 observamos que 71% das discentes de graduação tem de 18 a 24 anos, 28% tem mais de 25 anos e 1% tem até 17 anos.

Gráfico 7: Estudantes de graduação do sexo feminino por faixa etária na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (Criação própria).

Em 2017 a maioria das discentes se encontrava entre a faixa etária de 18 a 24 anos representando 73% do Gráfico 6 26% representavam as estudantes de mais de 25 anos e se mantendo igual aos outros anos 1% tinha até 17 anos.

Em que pese a reduzida variação ao longo dos anos estudados, podemos observar que o número de mulheres cursando a graduação que tem entre 18 a 24 anos vem aumentando ao passo que os números de estudantes que tem mais de 25 anos vêm diminuindo, enquanto a porcentagem para estudantes de até 17 anos se mantém estática.

Tabela 2: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Integral	51,4%	48,6%	100,0%
Matutino	66,1%	33,9%	100,0%
Não aplicável	70,2%	29,8%	100,0%
Noturno	49,9%	50,1%	100,0%
Vespertino	69,1%	30,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No ano de 2014, a presença feminina foi respectivamente 51,4% no turno integral, 66,1% no turno matutino, 49,9% no turno noturno e 69,1% no turno vespertino enquanto

a presença masculina foi 48,6% no turno integral, 33,9% no turno matutino, 50,1% no turno noturno e 30,9% no turno vespertino.

Tabela 3: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Integral	50,9%	49,1%	100,0%
Matutino	65,3%	34,7%	100,0%
Não aplicável	67,5%	32,5%	100,0%
Noturno	48,6%	51,4%	100,0%
Vespertino	67,0%	33,0%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Já no ano de 2015, as porcentagens que representam as graduandas eram 50,9% no turno integral, 65,3% no turno matutino, 48,6% no turno noturno, 67,0% no turno vespertino ao passo que os graduandos representam 49,1% no turno integral, 34,7% no turno matutino, 51,4% no turno noturno e 33,0% no turno vespertino.

Tabela 4: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Integral	49,3%	50,7%	100,0%
Matutino	64,5%	35,5%	100,0%
Não aplicável	58,0%	42,0%	100,0%
Noturno	46,6%	53,4%	100,0%
Vespertino	64,4%	35,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Em 2016, a presença das graduandas é de 49,3% no turno integral, 64,5% no turno matutino, 46,6% no turno noturno e 64,4% no turno vespertino.

Tabela 5: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por turno segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Integral	48,90%	51,10%	100,00%
Matutino	64,00%	36,00%	100,00%
Noturno	45,50%	54,50%	100,00%

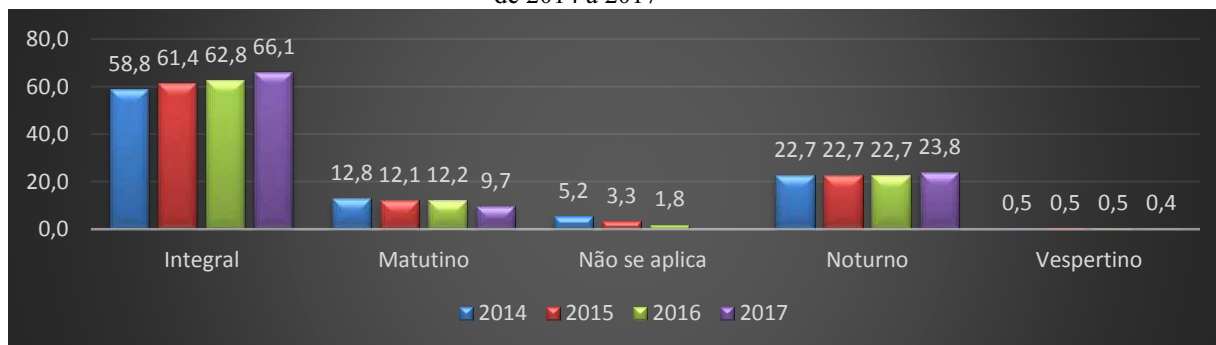
Vespertino	60,20%	39,80%	100,00%
------------	--------	--------	---------

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

No que tange o ano de 2017, as porcentagens que representam a presença feminina na graduação são de 48,90% no turno integral, 64,00% no turno matutino, 45,50% no turno noturno e 60,20% no turno vespertino.

Com relação à presença das estudantes de graduação atreladas a variável turno, podemos observar que no turno integral as mulheres representam aproximadamente metade dos estudantes de graduação o que durante a trajetória histórica de 2014 até 2018 tem apresentado uma queda com o passar dos anos, no que tange o turno matutino as mulheres representam mais de 60% dos estudantes de graduação e também pode ser observada uma queda ao longo da trajetória, no turno noturno é possível observar que as mulheres representam menos de 50% dos estudantes de graduação e que houve queda de 1% a cada ano estudado, o turno vespertino nos mostra que as mulheres representam mais de 60% dos estudantes de graduação presentes neste turno, porém assim como nos outros turnos estudados apresenta uma queda da presença feminina ao longo da trajetória demonstrada na pesquisa.

Gráfico 8: Estudantes de graduação do sexo feminino por turno na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017 (Criação própria).

O gráfico acima mostra que as graduandas na UFU eram em sua maioria matriculadas no turno integral¹ com 58,8% em 2014, 61,4% em 2015, 62,8% em 2016 e

¹ Segundo o Catálogo de Cursos UFU 2ª edição os cursos integrais da UFU são: Agronomia, Biomedicina, Biotecnologia, Ciência da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Dança, Design, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Aeronáutica, Engenharia Ambiental, Engenharia Biomédica, Engenharia Civil, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia de Alimentos, Engenharia de Eletrônica e Telecomunicações, Engenharia de

66, 1% em 2017. O segundo turno com maior número de matriculadas é o noturno² com 22,7% em 2014, 22,7% em 2015, 22,7% em 2016 e 23,8% em 2017. No turno matutino³ podemos observar que as graduandas eram 12,8% em 2014, 12,1% em 2015, 12,2% em 2016 e 9,7% em 2017. Já o turno vespertino⁴ apresenta as porcentagens de 0,5% em 2014, 0,5% em 2015, 0,5% em 2016 e 0,4% em 2017.

Como dito anteriormente, as mulheres estudantes da graduação eram maioria no turno integral e é possível notar o aumento da presença das mulheres neste turno ao longo do período analisado. Também é possível observar o aumento no turno noturno no ano de 2017 e a queda da presença das graduandas no ano de 2017 nos turnos vespertino e matutino. Agora passaremos para a observação de outra condição acadêmica, o grau.

Tabela 6: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Bacharelado	49,8%	50,2%	100,0%
Licenciatura	65,0%	35,0%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

Como podemos observar nas tabelas, as mulheres no ano de 2014 representam 49,8% dos alunos matriculados no bacharelado enquanto os homens representam 50,2% do total de alunos no bacharelado, já na licenciatura as mulheres representam 65,0% e os homens 35,0%.

Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Florestal, Engenharia Mecânica, Engenharia Mecatrônica, Engenharia Química, Física de Materiais, Física Médica, Fisioterapia, Geologia, Gestão da Informação, Jornalismo, Matemática, Medicina, Medicina Veterinária, Música, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Química, Química Industrial, Relações Internacionais, Sistemas de Informação, Teatro e Zootecnia.

2 Segundo o Catálogo de Cursos UFU 2ª edição os cursos noturnos da UFU são: Administração, Artes Visuais, Ciências Contábeis, Estatística, Física, História, Química, Sistemas de Informação e Tradução.

3 Segundo o Catálogo de Cursos UFU 2ª edição os cursos matutinos da UFU são: Ciências Sociais, Direito, Filosofia, Geografia, História, Letras e Pedagogia.

4 Segundo o Catálogo de Cursos UFU 2ª edição o único curso que consta como vespertino é Gestão em Saúde Ambiental.

Tabela 7: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Bacharelado	49,5%	50,5%	100,0%
Licenciatura	65,0%	35,0%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, as estudantes de graduação eram 49,5% do bacharelado e 65,0% da licenciatura enquanto os homens eram respectivamente 50,5% e 35,0%.

Tabela 8: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Bacharelado	47,7%	52,3%	100,0%
Licenciatura	62,6%	37,4%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Já no ano de 2016, as mulheres eram 47,7% do bacharelado e 62,6% na licenciatura, no mesmo período de tempo os homens representam 52,3% do bacharelado e 37,4% da licenciatura.

Tabela 9: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por grau segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Bacharelado	47,1%	52,9%	100,0%
Licenciatura	63,5%	36,5%	100,0%

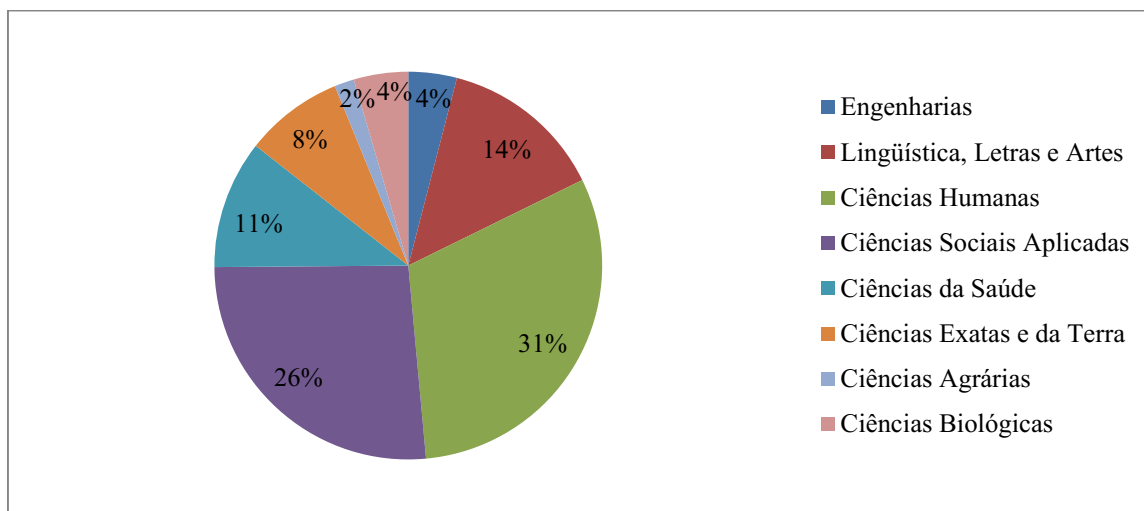
Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

No ano de 2017, os dados não apresentam mudanças significativas, sendo que as mulheres representam 47,1% e os homens 52,9% do bacharelado, na licenciatura as mulheres representam 63,5% e os homens representam 36,5%.

É possível observar que ao longo do período estudado não ocorreram mudanças significativas nos dados, já que as mulheres sempre representam a maioria nos cursos de licenciatura, sendo mais de 60% em todos os anos analisados. As mulheres também eram

a minoria nos cursos de bacharelado sendo ficando abaixo dos 50% em todos os anos aqui demonstrados.

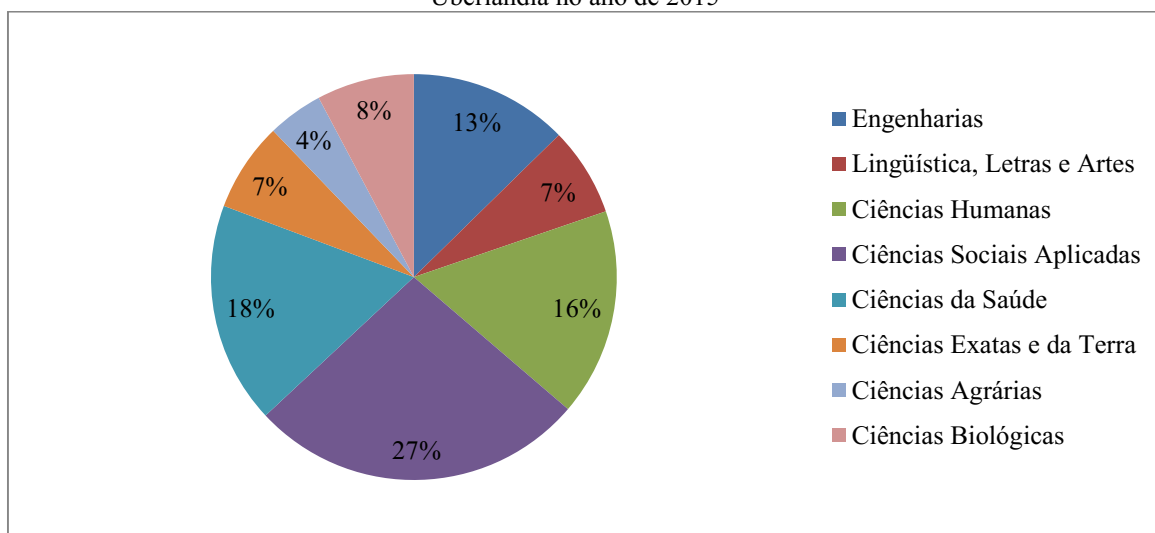
Gráfico 9: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014



Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que se refere aos cursos que as estudantes de graduação cursam em 2014, 26% pertenciam às Ciências Sociais Aplicadas, 31% das Ciências Humanas, 14% da Linguística, Letras e Artes, 11% das Ciências da Saúde, 8% das Ciências Exatas e da Terra, 4% Ciências Biológicas, 4% das Engenharias e 2% das Ciências Agrárias.

Gráfico 10: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015

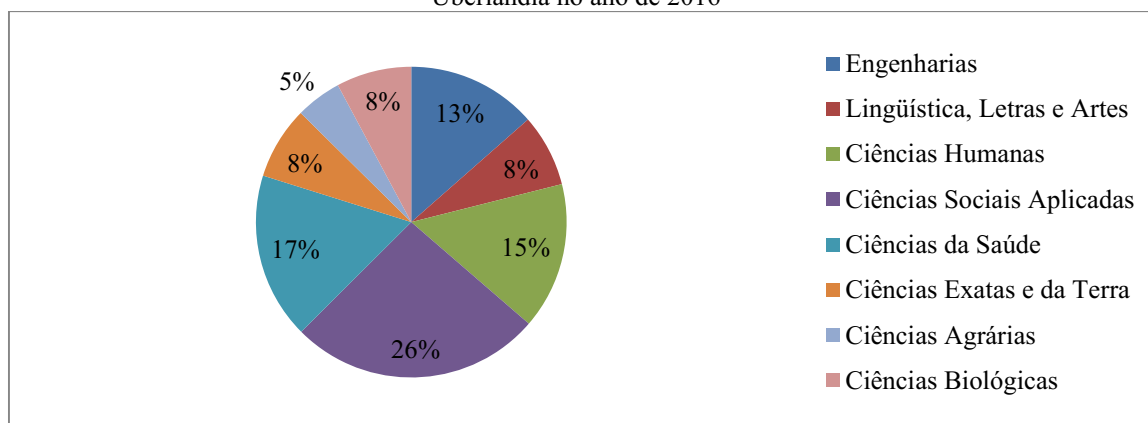


Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, 27% das estudantes de graduação pertenciam às Ciências Sociais Aplicadas, 16% das Ciências Humanas, 7% da Linguística, Letras e Artes, 18% das

Ciências da Saúde, 7% das Ciências Exatas e da Terra, 8% Ciências Biológicas, 13% das Engenharias e 4% das Ciências Agrárias.

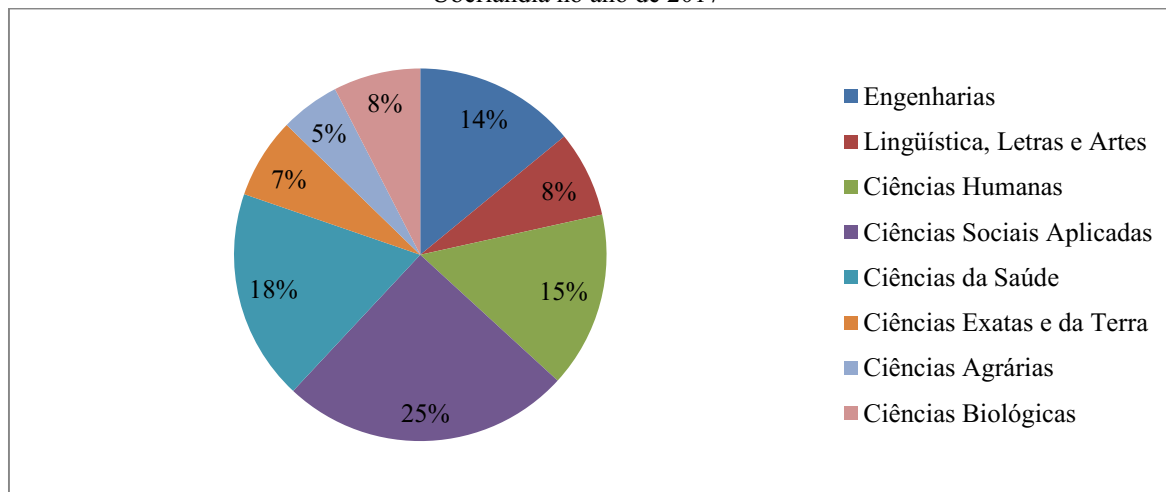
Gráfico 11: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPq na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016



Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Já no ano de 2016 26% das estudantes de graduação pertenciam às Ciências Sociais Aplicadas, 15% das Ciências Humanas, 8% da Linguística, Letras e Artes, 17% das Ciências da Saúde, 8% das Ciências Exatas e da Terra, 8% Ciências Biológicas, 13% das Engenharias e 5% das Ciências Agrárias.

Gráfico 12: Estudantes de graduação do sexo feminino por área do CNPQ na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

No ano de 2017, 25% das estudantes de graduação pertenciam às Ciências Sociais Aplicadas, 15% das Ciências Humanas, 8% da Linguística, Letras e Artes, 18% das Ciências da Saúde, 7% das Ciências Exatas e da Terra, 8% Ciências Biológicas, 14% das Engenharias e 5% das Ciências Agrárias.

Observamos que, ao longo dos anos analisados, a maioria das estudantes de concentram nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da

Saúde, sendo a soma das mesmas é de 68% em 2014, 61% em 2015, 58% em 2016 e 58% em 2017. O fato de nessas áreas se concentrarem muitos dos cursos relacionados aos cuidados e à docência junto ao dado sobre o grau das estudantes de graduação nos mostra que as mulheres então em sua maioria em cursos de licenciatura da área de humanas e da saúde. Chama a atenção também que a área das engenharias tem tido um crescimento considerável de 4% em 2014 para 14% em 2017.

Tabela 10: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Amarela	61,1%	38,9%	100,0%
Branca	53,8%	46,2%	100,0%
Indígena	56,0%	44,0%	100,0%
Parda	53,2%	46,8%	100,0%
Preta	54,2%	45,8%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No ano de 2014, as estudantes de graduação na UFU eram 61,1% dos (as) estudantes amarelos, 53,8% dos (as) estudantes brancos, 56,0% dos (as) estudantes indígenas, 53,2% dos (as) estudantes pardos e 54,2% dos (as) estudantes pretos, enquanto os homens representam 38,9% dos (as) estudantes amarelos, 46,2% dos (as) estudantes brancos, 44,0% dos (as) estudantes indígenas, 46,8% dos (as) estudantes pardos e 45,8% dos (as) estudantes pretos⁵.

Tabela 11: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Amarela	62,7%	37,3%	100,0%
Branca	52,3%	47,7%	100,0%
Indígena	52,0%	48,0%	100,0%
Parda	52,3%	47,7%	100,0%
Preta	53,7%	46,3%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Em 2015, as mulheres eram 62,7% e os homens 37,3% dos (as) graduandos amarelos, as mulheres eram 52,3% e os homens 47,7% dos (as) estudantes

⁵ Utilizamos na pesquisa a nomenclatura das raças determinadas pelo IBGE.

brancos, as mulheres eram 52,0% e os homens 48,0% dos (as) estudantes indígenas, as mulheres eram 52,3% e os homens 47,7% dos (as) estudantes pardos e as mulheres eram 53,7% e os homens 46,3% dos (as) estudantes pretos.

Tabela 12: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Amarela	59,7%	40,3%	100,0%
Branca	50,7%	49,3%	100,0%
Indígena	44,1%	55,9%	100,0%
Parda	50,3%	49,7%	100,0%
Preta	52,4%	47,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Podemos observar que no ano de 2016 as mulheres eram 59,7% dos estudantes amarelos, 50,7% dos estudantes brancos, 44,1% dos estudantes indígenas, 50,3% dos estudantes pardos e 52,4% dos estudantes pretos, enquanto os homens eram 40,3% dos estudantes amarelos, 49,3% dos estudantes brancos, 55,9% dos estudantes indígenas, 49,7% dos estudantes pardos e 47,6%.

Tabela 13: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por cor/raça segundo sexo no ano de 2017

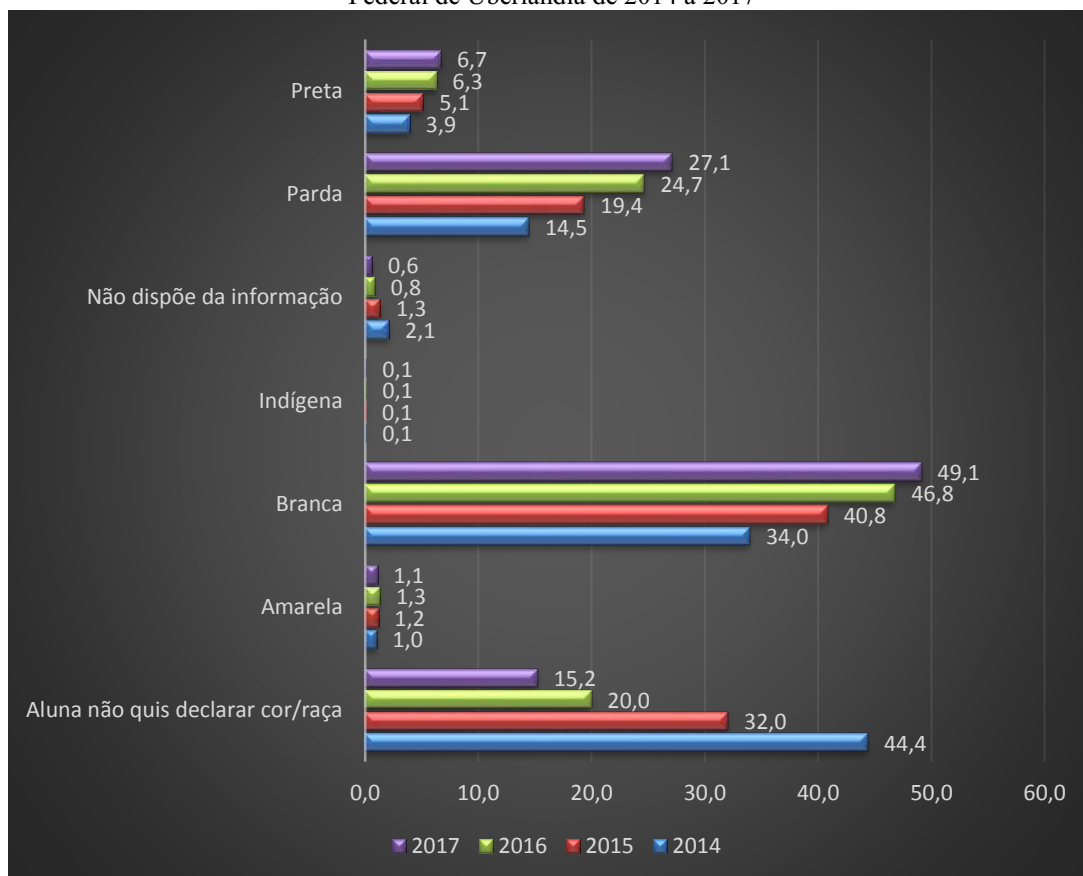
	Feminino	Masculino	Total
Amarela	57,5%	42,5%	100,0%
Branca	49,8%	50,2%	100,0%
Indígena	54,8%	45,2%	100,0%
Parda	50,2%	49,8%	100,0%
Preta	51,2%	48,8%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Em 2017, as mulheres representam 57,5% e os homens 42,5% dos (as) estudantes amarelos, as mulheres representam 49,8% e os homens 50,2% dos (as) estudantes brancos, as mulheres representam 54,8% e os homens 45,2% dos (as) estudantes indígenas, as mulheres representam 50,2% e os homens 49,8% dos (as) estudantes pardos, enquanto as mulheres representam 51,2% e os homens 48,8% dos (as) estudantes pretos.

As mulheres eram a maioria das matrículas da UFU no que se refere à cor/raça em quase todos os anos analisados, salvo o caso do ano 2016 em que os homens indígenas foram maioria com 55,9% e o ano de 2017 em que os homens brancos foram maioria 50,2%.

Gráfico 13: Percentual de estudantes de graduação do sexo feminino por cor/raça na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017 (Criação própria).

No que tange a cor/raça das estudantes de graduação ao longo do período analisado, as estudantes amarelas eram 1,0% em 2014, 1,2% em 2015, 1,3% no ano de 2016 e 1,1% no ano 2017. As estudantes brancas eram 34,0% em 2014, 40,8% em 2015, 46,8% em 2016 e 49,1% no ano de 2017. As estudantes indígenas permaneceram ao longo dos anos em 0,1%, as estudantes pardas eram 14,5% em 2014, 19,4% em 2015, 24,7% em 2016 e 27,1% em 2017. Já as estudantes pretas eram 3,9% em 2014, 5,1% em 2015, 6,3% em 2016 e 6,7% em 2017.

As estudantes que não quiseram declarar sua cor/raça foram 44% no ano de 2014, 32,0% em 2015, 20,0% em 2016 e 15,2% em 2017. E as estudantes que não

dispúnhamos de informações eram 2,1% em 2014, 1,3% em 2015, 0,8% em 2016 e 0,6% em 2017.

Em que pese o fato de que a maioria das estudantes de graduação ainda serem brancas, é possível observar o crescimento substancial e contínuo ao longo dos anos das graduandas pardas e pretas, sendo que, por outro lado, a presença das estudantes indígenas continuou a mesma ao longo do período analisado. É possível observar também que o número de estudantes que não se declararam e que não tínhamos informação diminuiram continuamente ao longo dos anos abordados na pesquisa.

Tabela 14: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Vestibular	50,4%	49,6%	100,0%
Enem	51,2%	48,8%	100,0%
Avaliação seriada	59,8%	40,2%	100,0%
Seleção simplificada	57,8%	42,2%	100,0%
Vaga remanescente	53,3%	46,7%	100,0%
Programas especiais	71,6%	28,4%	100,0%
Exofficio	37,5%	62,5%	100,0%
Decisão judicial	54,9%	45,1%	100,0%
Pecg	40,0%	60,0%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que tange ao tipo de ingresso dos estudantes de graduação segundo o Censo da Educação Superior, no ano de 2014 50,4% mulheres e 49,6% homens ingressaram na UFU pelo vestibular, dos alunos que ingressaram pelo ENEM 51,2% eram mulheres e 48,8% eram homens, dos alunos que ingressaram pela avaliação seriada 59,0% eram mulheres e 40,2% eram homens, dos alunos que ingressaram por seleção simplificada 57,8% eram mulheres e 42,2% eram homens, dos alunos que ingressaram em vagas remanescentes 53,3% eram mulheres e 46,7% eram homens, dos alunos que ingressaram por programas especiais 71,6% eram mulheres e 28,4% eram homens, dos alunos que ingressaram por exofficio 37,5% eram mulheres e 62,5% eram homens, dos alunos que ingressaram por decisão judicial 54,9% eram mulheres e 45,1% eram homens, os graduandos que entraram através do programa PEC-G eram 40,0% mulheres e 60,0% homens.

Tabela 15: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Vestibular	50,0%	50,0%	100,0%
Enem	50,8%	49,2%	100,0%
Avaliação seriada	59,6%	40,4%	100,0%
Seleção simplificada	55,4%	44,6%	100,0%
Vaga remanescente	51,5%	48,5%	100,0%
Programas especiais	68,3%	31,7%	100,0%
Exofficio	46,2%	53,8%	100,0%
Decisão judicial	58,5%	41,5%	100,0%
Pecg	28,6%	71,4%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, 50,0% mulheres e 50,0% homens ingressaram na UFU pelo vestibular, dos alunos que ingressaram pelo ENEM 50,8% eram mulheres e 49,2% eram homens, dos alunos que ingressaram pela avaliação seriada 59,6% eram mulheres e 40,4% eram homens, dos alunos que ingressaram por seleção simplificada 55,4% eram mulheres e 44,6% eram homens, dos alunos que ingressaram em vagas remanescentes 51,5% eram mulheres e 48,5% eram homens, dos alunos que ingressaram por programas especiais 68,3% eram mulheres e 31,7% eram homens, dos alunos que ingressaram por exofficio 46,2% eram mulheres e 53,8% eram homens, dos alunos que ingressaram por decisão judicial 58,5% eram mulheres e 41,5% eram homens, os graduandos que entraram através do programa PEC-G eram 28,6% mulheres e 71,4% homens.

Tabela 16: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Vestibular	47,6%	52,4%	100,0%
Enem	50,0%	50,0%	100,0%
Avaliação seriada	59,0%	41,0%	100,0%
Seleção simplificada	51,6%	48,4%	100,0%
Vaga remanescente	50,8%	49,2%	100,0%
Programas especiais	63,5%	36,5%	100,0%
Exofficio	41,7%	58,3%	100,0%
Decisão judicial	48,9%	51,1%	100,0%
Pecg	33,3%	66,7%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

No ano de 2016, 47,6% mulheres e 52,4% homens ingressaram na UFU pelo vestibular, dos alunos que ingressaram pelo ENEM 50,0% eram mulheres e 50,0% eram homens, dos alunos que ingressaram pela avaliação seriada 59,0% eram mulheres e 41,0% eram homens, dos alunos que ingressaram por seleção simplificada 51,6% eram mulheres e 48,4% eram homens, dos alunos que ingressaram em vagas remanescentes 50,8% eram mulheres e 49,2% eram homens, dos alunos que ingressaram por programas especiais 63,5% eram mulheres e 36,5% eram homens, dos alunos que ingressaram por exofficio 41,7% eram mulheres e 58,3% eram homens, dos alunos que ingressaram por decisão judicial 48,9% eram mulheres e 51,1% eram homens, os graduandos que entraram através do programa PEC-G eram 33,3% mulheres e 66,7% homens.

Tabela 17: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo de ingresso segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Vestibular	46,8%	53,2%	100,0%
Enem	50,2%	49,8%	100,0%
Avaliação seriada	58,6%	41,4%	100,0%
Seleção simplificada	48,3%	51,7%	100,0%
Vaga remanescente	49,2%	50,8%	100,0%
Programas especiais	66,7%	33,3%	100,0%
Exofficio	39,1%	60,9%	100,0%
Decisão judicial	51,7%	48,3%	100,0%
Pecg	37,2%	62,8%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Já no ano de 2017, 46,8% mulheres e 53,2% homens ingressaram na UFU pelo vestibular, dos alunos que ingressaram pelo ENEM 50,2% eram mulheres e 49,8% eram homens, dos alunos que ingressaram pela avaliação seriada 58,6% eram mulheres e 41,4% eram homens, dos alunos que ingressaram por seleção simplificada 48,3% eram mulheres e 51,7% eram homens, dos alunos que ingressaram em vagas remanescentes 49,2% eram mulheres e 50,8% eram homens, dos alunos que ingressaram por programas especiais 66,7% eram mulheres e 33,3% eram homens, dos alunos que ingressaram por exofficio 39,1% eram mulheres e 60,9% eram homens, dos alunos que ingressaram por decisão judicial 51,7% eram mulheres e 48,3% eram homens, os

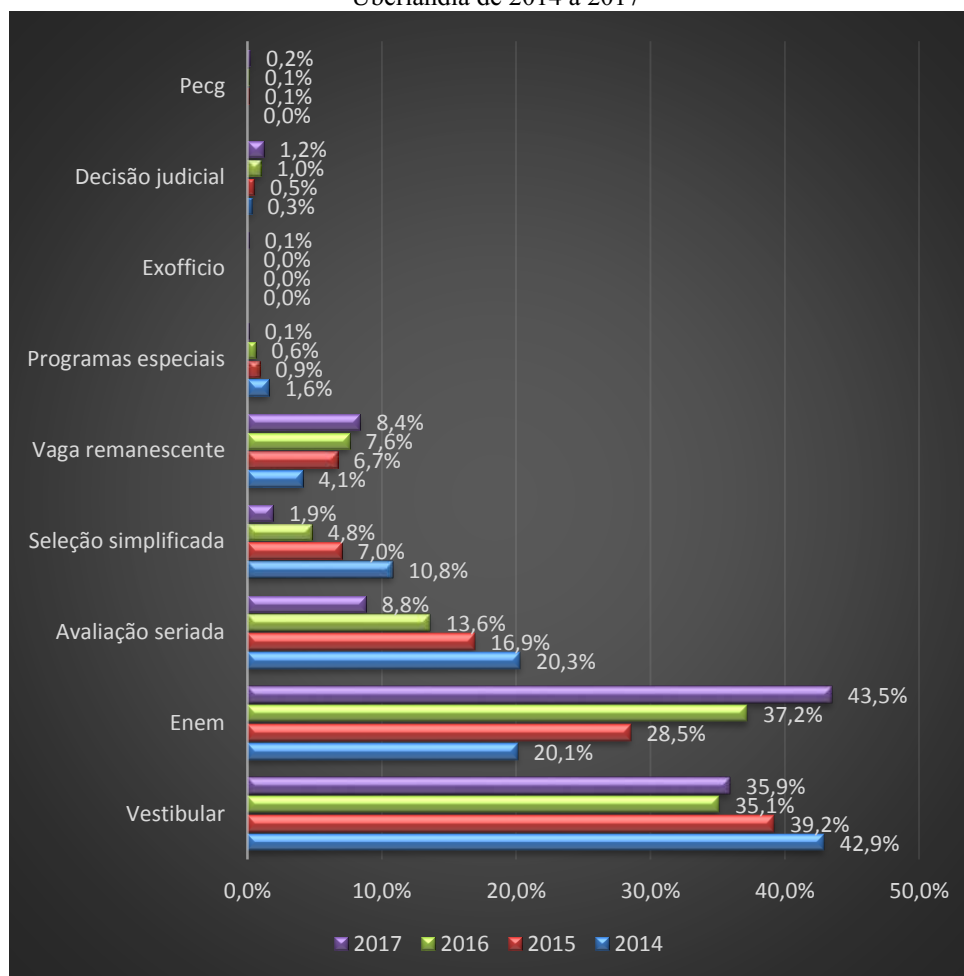
graduandos que entraram através do programa PEC-G eram 37,2% mulheres e 62,8% homens.

Através das tabelas, podemos observar que o tipo de ingresso dos estudantes do sexo feminino e masculino ao longo do período estudado tem pouca discrepância, com exceção do ingresso por exofficio e PEC-G em que todos os anos mostraram maioria de estudantes homens e do ingresso por programas especiais que tem maioria estudantes mulheres.

O PEC-G é apresentado pelo Ministério da Educação (MEC)⁶ como um programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) como uma atividade cooperativa entre países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos culturais e educacionais tendo como objetivo formar recursos humanos. O programa seleciona anualmente por meio de edital aberto pela internet, estrangeiros entre 18 e preferencialmente até 23 anos, com ensino médio completo, para realizar estudos de graduação no país. Portanto podemos observar através das tabelas o padrão estabelecido ao longo dos anos em que menos mulheres têm ingressado por esse programa que homens.

⁶“O Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) oferece oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais” (MEC, <http://portal.mec.gov.br/pec-g>).

Gráfico 14: Estudantes de graduação do sexo feminino por tipo de ingresso na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017 (Criação própria).

No gráfico que apresenta o tipo de ingresso das estudantes de graduação podemos observar o vestibular corresponde a 42,9% em 2014, 39,2% em 2015, 35,1% em 2016 e 35,9% em 2017. O ENEM corresponde a 20,1% em 2014, 28,5% em 2015, 37,2% em 2016 e 43,5% em 2017. A avaliação seriada corresponde a 20,3% em 2014, 16,9% em 2015, 13,6% em 2016 e 8,8% em 2017. A seleção simplificada corresponde a 10,8% em 2014, 7,0% em 2015, 4,8% em 2016 e 1,9% em 2017. O ingresso por vagas remanescentes corresponde a 4,1% em 2014, 6,7% em 2015, 7,6% em 2016 e 8,4% em 2017. O ingresso por programas especiais corresponde a 1,6% em 2014, 0,9% em 2015, 0,6% em 2016 e 0,1% em 2017. O exofficio permaneceu 0,0% de 2014 até 2016 e subiu para 0,1% em 2017, já o ingresso por decisão judicial era 0,3% em 2014, 0,5% em 2015,

1,0% em 2016 e 1,2% em 2017. O PEC-G corresponde a 0,0% em 2014, 0,1% em 2015, 0,1% em 2016 e 0,2% em 2017.

Os tipos de ingresso mais utilizados pelas mulheres graduandas na UFU foram o vestibular e o ENEM, porém podemos notar que ao longo dos anos estudados o vestibular tem caído ao passo que o ENEM tem sido o tipo mais utilizado pelas mulheres para ingresso na graduação. Vemos também a queda contínua da avaliação seriada e um crescimento do ingresso através de vagas remanescentes.

A partir deste momento, nosso foco volta-se para os dados da assistência estudantil. É importante para se ter a ideia do todo que começemos mencionando a quantidade total de estudantes que recebem assistência estudantil em comparação com os alunos que não recebem. Assim, em 2014, 85,2% dos (as) estudantes não eram atendidos (as), enquanto 14,8% eram, em 2015 os números são parecidos, mas observamos um leve aumento dos alunos atendidos que representavam 15,7% e 84,3% não eram atendidos, em 2016 os números de 2015 se repetem e em 2017 84,9% não eram atendidos pela assistência estudantil enquanto 15,1% dos estudantes eram. Através desses números observamos que a maioria dos discentes não são atendidos pela assistência estudantil.

Tabela 18: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Não	52,1%	47,9%	100,0%
Sim	60,5%	39,5%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que tange a presença de estudantes de graduação em assistência estudantil no ano de 2014, 52,1% dos (as) que não recebem bolsas eram mulheres e 47,9% eram homens, 60,5% dos (as) que recebem bolsas eram mulheres e 39,5% eram homens.

Tabela 19: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Não	51,1%	48,9%	100,0%
Sim	58,3%	41,7%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, 51,1% dos (as) estudantes que não recebem bolsas eram mulheres e 48,9% eram homens, 58,3% dos (as) estudantes que recebem bolsas eram mulheres e 41,7% eram homens.

Tabela 20: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Não	49,3%	50,7%	100,0%
Sim	55,9%	44,1%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

No ano de 2016, 49,3% dos estudantes que não recebem bolsas eram mulheres e 50,7% eram homens, 55,9% dos estudantes que recebem bolsas eram mulheres e 44,1% eram homens.

Tabela 21: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em assistência estudantil segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Não	48,5%	51,5%	100,0%
Sim	55,9%	44,1%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Já no ano de 2017, 48,5% dos estudantes que não recebem bolsas eram mulheres e 51,5% eram homens, 55,9% dos estudantes que recebem bolsas eram mulheres e 44,1% eram homens.

Como mostram as tabelas, as mulheres receberam em maior porcentagem a assistência estudantil que os homens ao longo do período pesquisado.

Tabela 22: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Bolsa alimentação	60,5%	39,5%	100,0%
Bolsa permanência	0,0%	0,0%	0,0%
Bolsa trabalho	0,0%	0,0%	0,0%
Material didático	77,8%	22,2%	100,0%
Bolsa moradia	54,1%	45,9%	100,0%
Bolsa transporte	64,3%	35,7%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

Dos estudantes de graduação na UFU que recebem bolsa alimentação em 2014, 60,5% eram mulheres e 39,5% eram homens, os estudantes que recebem bolsa permanência e bolsa trabalho eram em ambos os casos 0,0%, os estudantes que recebem material didático 77,8% eram mulheres e 22,2% eram homens, dos alunos que recebem bolsa moradia 54,1% eram mulheres e 45,9% eram homens, dos estudantes que recebem bolsa transporte 62,1% eram mulheres e 35,7% eram homens.

Tabela 23: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Bolsa alimentação	58,2%	41,8%	100,0%
Bolsa permanência	0,0%	0,0%	0,0%
Bolsa trabalho	0,0%	0,0%	0,0%
Material didático	94,4%	5,6%	100,0%
Bolsa moradia	52,1%	47,9%	100,0%
Bolsa transporte	62,1%	37,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Em 2015, os estudantes que recebem bolsa alimentação 58,2% eram mulheres e 41,8% eram homens, os estudantes que recebem bolsa permanência e bolsa trabalho eram em ambos os casos 0,0%, os estudantes que recebem material didático 94,4% eram mulheres e 5,6% eram homens, dos alunos que recebem bolsa moradia 52,1% eram mulheres e 47,9% eram homens, dos estudantes que recebem bolsa transporte 62,1% eram mulheres e 37,9% eram homens.

Tabela 24: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Bolsa alimentação	55,6%	44,4%	100,0%
Bolsa permanência	0,0%	0,0%	0,0%
Bolsa trabalho	0,0%	0,0%	0,0%
Material didático	61,8%	38,2%	100,0%
Bolsa moradia	49,3%	50,7%	100,0%
Bolsa transporte	59,7%	40,3%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Em 2016, os estudantes que recebem bolsa alimentação 55,6% eram mulheres e 44,4% eram homens, os estudantes que recebem bolsa permanência e bolsa trabalho eram em ambos os casos 0,0%, os estudantes que recebem material didático 61,8% eram mulheres e 38,2% eram homens, dos alunos que recebem bolsa moradia 49,3% eram mulheres e 50,7% eram homens, dos estudantes que recebem bolsa transporte 59,7% eram mulheres e 40,3% eram homens.

Tabela 25: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por tipo assistência estudantil segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Bolsa alimentação	55,9%	44,1%	100,0%
Bolsa permanência	72,7%	27,3%	100,0%
Bolsa trabalho	0,0%	0,0%	0,0%
Material didático	100,0%	0,0%	100,0%
Bolsa moradia	50,2%	49,8%	100,0%
Bolsa transporte	58,8%	41,2%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Já em 2017, dos (as) estudantes que recebem bolsa alimentação 55,9% eram mulheres e 44,1% eram homens, os estudantes que recebem bolsa permanência 72,7% eram mulheres e 27,3% eram homens, os alunos que recebem bolsa trabalho eram em ambos os casos continua em 0,0%, dos estudantes que recebem material didático 100,0% eram mulheres, dos alunos que recebem bolsa moradia 50,2% eram mulheres e 49,8% eram homens, dos estudantes que recebem bolsa transporte 58,8% eram mulheres e 41,2% eram homens.

Em todas as tabelas é perceptível que as mulheres recebem, ao longo dos anos estudados, mais bolsas que os homens, menos para bolsa moradia no ano de 2016. Infelizmente não tivemos acesso às faixas de renda dos graduandos para agregar à pesquisa, porém é de se notar os (as) estudantes que recebem bolsa alimentação, bolsa permanência, bolsa moradia e bolsa transporte precisam comprovar sua renda e a necessidade de receber a bolsa. O padrão observado das bolsas recebidas pelas estudantes mulheres de graduação é um indicativo da quantidade de estudantes na UFU que eram de baixa renda e que precisam das políticas de assistência estudantil para se manter na universidade. Isto é um forte indicativo de que as condições de vulnerabilidade socioeconômica das mulheres são maiores do que as dos homens, algo já indicado pelo relatório da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES (FONPARACE/ANDIFES, 2018).

Tal como prometido, agora passaremos para a análise da composição sexual das vagas em oportunidades acadêmicas. No ano de 2014 o número total de discentes que participavam de atividades extracurriculares era 14,4% enquanto 85,6% não participavam, em 2015 87,1% não participavam e 12,9% participavam, em 2016 85,6% não participavam e 14,4% participavam, no ano de 2017 os números continuam com pouca alteração já que 85,7% dos (as) estudantes não participavam de atividades extracurriculares e 14,3% dos alunos participavam.

Tabela 26: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Não	52,8%	47,2%	100,0%
Sim	56,7%	43,3%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que tange à presença dos (as) graduandos (as) em atividades extracurriculares no ano de 2014, 52,8% dos (as) estudantes que não participam eram mulheres e 47,2% eram homens, dos estudantes que participam 56,7% eram mulheres e 43,3% eram homens.

Tabela 27: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Não	51,4%	48,6%	100,0%
Sim	58,0%	42,0%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, 51,4% dos (as) estudantes que não participam eram mulheres e 48,6% eram homens, dos (as) estudantes que participam 58,0% eram mulheres e 42,0% eram homens.

Tabela 28: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Não	49,2%	50,8%	100,0%
Sim	57,1%	42,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Em 2016, 49,2% dos (as) estudantes que não participam eram mulheres e 50,8% eram homens, enquanto 57,1% dos (as) estudantes que participam eram mulheres e 42,9% eram homens.

Tabela 29: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia em atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Não	48,0%	52,0%	100,0%
Sim	59,4%	40,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Em 2017, 48,0% dos (as) estudantes que não participam eram mulheres e 52,0% eram homens, enquanto 59,4% dos (as) estudantes que participam eram mulheres e 40,6% eram homens.

As tabelas mostram que, ao longo do período estudado, as estudantes de graduação têm participado mais das atividades extracurriculares que os homens e também é possível notar que a porcentagem de mulheres que não participam de atividades extracurriculares vem diminuindo ao ponto de em 2016 e 2017 se tornarem minoritárias.

Entretanto, também é importante discriminar as diversas formas de oportunidades acadêmicas que aparecem como oportunidades para estudantes de graduação da UFU.

Tabela 30: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Estágio	55,0%	45,0%	100,0%
Extensão	64,5%	35,5%	100,0%
Monitoria	54,1%	45,9%	100,0%
Pesquisa	57,9%	42,1%	100,0%
Bolsa estágio	56,1%	43,9%	100,0%
Bolsa e extensão	59,8%	40,2%	100,0%
Bolsa monitoria	60,6%	39,4%	100,0%
Bolsa pesquisa	55,8%	44,2%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que se refere à presença dos (as) estudantes de graduação nas atividades extracurriculares no ano de 2014, 55,0% dos (as) estudantes que participaram do estágio⁷ eram mulheres e 45,0% eram homens, 64,5% dos(as) estudantes que participaram da extensão⁸ eram mulheres e 35,5% eram homens, 54,1% dos (as) estudantes que participaram de monitorias⁹ eram mulheres e 45,9% eram homens, 57,9% dos (as) estudantes que participaram ou desenvolveram pesquisas¹⁰ eram mulheres e 42,1% homens.

⁷ Estágio: é uma atividade acadêmica, obrigatória ou não, que visa complementar e aprimorar a formação acadêmica do aluno (Guia acadêmico UFU, 2019).

⁸ Programas ou projetos que visam articular, desenvolver e coordenar as atividades de extensão universitária, incluindo as atividades culturais. Exerce a função de vincular ensino, pesquisa e sociedade, promovendo interação entre a instituição e os diversos segmentos sociais: entidades governamentais, setor privado, comunidades carentes, movimentos sociais e público consumidor de conhecimentos, artes e serviços (Guia acadêmico UFU, 2019).

⁹ Monitoria: programa acadêmico oferecido ao aluno de graduação, possibilitando seu engajamento em atividades didáticas de ensino superior associadas a uma disciplina. As atividades são desenvolvidas sob orientação e supervisão de um professor da disciplina em questão. Pode ser remunerada ou não remunerada e é realizada dentro de uma carga horária de 12 horas semanais, sem prejuízo das atividades curriculares do aluno (Guia acadêmico UFU, 2019).

¹⁰ Programas ou projetos que visam despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação; Contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional; proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a

Dos (as) alunos (as) que receberam bolsa para participar das atividades extracurriculares em 2014 56,1% de mulheres e 43,9% de homens receberam bolsa estágio, 59,8% de mulheres e 40,2% de homens receberam bolsa extensão, 60,6% de mulheres e 39,4% de homens receberam bolsas de monitoria, 55,8% de mulheres e 44,2% de homens receberam bolsa de pesquisa.

Tabela 31: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Estágio	55,6%	44,4%	100,0%
Extensão	65,9%	34,1%	100,0%
Monitoria	55,8%	44,2%	100,0%
Pesquisa	59,3%	40,7%	100,0%
Bolsa estágio	55,6%	44,4%	100,0%
Bolsa extensão	61,4%	38,6%	100,0%
Bolsa monitoria	49,7%	50,3%	100,0%
Bolsa pesquisa	59,4%	40,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Em 2015, 55,6% dos estudantes que participaram do estágio eram mulheres e 44,4% eram homens, 65,9% dos estudantes que participaram da extensão eram mulheres e 34,1% eram homens, 55,8% dos estudantes que participaram de monitorias eram mulheres e 45,9% eram homens, 57,9% dos estudantes que participaram ou desenvolveram pesquisas eram mulheres e 42,1% homens.

Dos alunos que receberam bolsas para participar de atividades extracurriculares em 2015 55,6% de mulheres e 44,4% de homens receberam bolsa estágio, 61,4% de mulheres e 38,6% de homens receberam bolsa extensão, 49,7% de mulheres e 50,3% de homens receberam bolsas de monitoria, 59,4% de mulheres e 40,6% de homens receberam bolsa de pesquisa.

aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa; e Ampliar o acesso e a integração do estudante à cultura científica. (Guia acadêmico UFU, 2019).

Tabela 32: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Estágio	55,5%	44,5%	100,0%
Extensão	63,1%	36,9%	100,0%
Monitoria	55,4%	44,6%	100,0%
Pesquisa	60,6%	39,4%	100,0%
Bolsa estágio	55,5%	44,5%	100,0%
Bolsa extensão	60,6%	39,4%	100,0%
Bolsa monitoria	56,5%	43,5%	100,0%
Bolsa pesquisa	59,1%	40,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Em 2016, 55,5% dos (as) estudantes que participaram do estágio eram mulheres e 44,5% eram homens, 63,1% dos (as) estudantes que participaram da extensão eram mulheres e 36,9% eram homens, 55,4% dos (as) estudantes que participaram de monitorias eram mulheres e 44,6% eram homens, 60,6% dos (as) estudantes que participaram ou desenvolveram pesquisas eram mulheres e 39,4% homens.

Dos (as) alunos (as) que receberam bolsas para participar de atividades extracurriculares em 2016 55,5% de mulheres e 44,5% de homens receberam bolsa estágio, 60,6% de mulheres e 39,4% de homens receberam bolsa extensão, 56,5% de mulheres e 43,5% de homens receberam bolsas de monitoria, 59,1% de mulheres e 40,9% de homens receberam bolsa de pesquisa.

Tabela 33: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de por tipo de atividades extracurriculares segundo sexo no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Estágio	61,7%	38,3%	100,0%
Extensão	57,5%	42,5%	100,0%
Monitoria	55,8%	44,2%	100,0%
Pesquisa	60,1%	39,9%	100,0%
Bolsa estágio	61,7%	38,3%	100,0%
Bolsa extensão	54,3%	45,7%	100,0%
Bolsa monitoria	55,6%	44,4%	100,0%
Bolsa pesquisa	60,1%	39,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Em 2017, 61,7% dos (as) estudantes que participaram do estágio eram mulheres e 38,3% eram homens, 57,5% dos (as) estudantes que participaram da extensão eram mulheres e 42,5% eram homens, 55,8% dos (as) estudantes que participaram de monitorias eram mulheres e 44,2% eram homens, 60,1% dos (as) estudantes que participaram ou desenvolveram pesquisas eram mulheres e 39,9% homens.

Dos (as) estudantes que receberam bolsas para participar de atividades extracurriculares em 2017, 61,7% de mulheres e 38,3% de homens receberam bolsa estágio, 54,3% de mulheres e 45,7% de homens receberam bolsa extensão, 55,6% de mulheres e 44,4% de homens receberam bolsas de monitoria, 60,1% de mulheres e 39,9% de homens receberam bolsa de pesquisa.

Como é possível observar através das tabelas, as mulheres participam mais e recebem mais bolsas de atividades extracurriculares que os homens, salvo caso do ano de 2015 em que as mulheres participaram mais da atividade extracurricular monitoria, porém receberam menos bolsas de monitoria. Observemos agora a distribuição sexual a partir do critério modalidade de ingresso.

Tabela 34: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Não	53,5%	46,5%	100,0%
Sim	52,4%	47,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

Dos (as) estudantes que não ingressaram por cotas no ano de 2014, 53,5% eram mulheres e 46,5% eram homens, dos estudantes que ingressaram através de cotas 52,4% eram mulheres e 47,6% eram homens.

Tabela 35: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Não	52,4%	47,6%	100,0%
Sim	51,2%	48,8%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

No ano de 2015, 52,4% dos alunos que não ingressaram por cotas eram mulheres e 47,6% eram homens, dos estudantes que ingressaram através de cotas 51,2% eram mulheres e 48,8% eram homens.

Tabela 36: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Não	50,3%	49,7%	100,0%
Sim	50,4%	49,6%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

No ano de 2016, 50,3% dos alunos que não ingressaram por cotas eram mulheres e 49,7% eram homens, dos estudantes que ingressaram através de cotas 50,4% eram mulheres e 49,6% eram homens.

Tabela 37: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia que ingressaram por cotas segundo sexo no ano de 2017

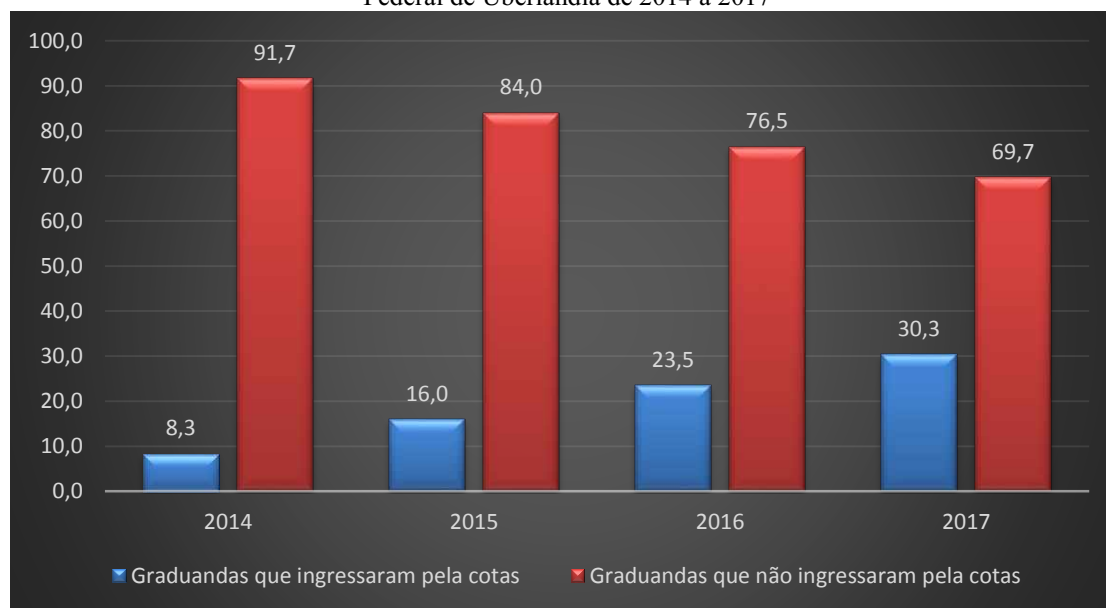
	Feminino	Masculino	Total
Não	49,2%	50,8%	100,0%
Sim	50,5%	49,5%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Em 2017, 49,2% dos alunos que não ingressaram por cotas eram mulheres e 50,8% eram homens, dos estudantes que ingressaram através de cotas 50,5% eram mulheres e 49,5% eram homens.

Durante os anos analisados pela pesquisa é possível se observar que as mulheres têm ingressado mais através das cotas que os homens. Tal constatação é mais um indicativo da importância da assistência estudantil no que tange o gênero já que além de garantir o ingresso das graduandas no ensino superior também é necessário garantir a permanência dessas estudantes.

Gráfico 15: Estudantes de graduação do sexo feminino que ingressaram através de cotas na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017 (Criação própria).

Pelo gráfico podemos ver que em 2014 91,7% das graduandas não ingressaram pelas cotas, enquanto 8,3% das estudantes ingressaram pelo sistema de cotas. Em 2015 84,0% das graduandas não ingressaram pelas cotas e 16,0% das estudantes ingressaram pelo sistema de cotas. Em 2016 76,5% das graduandas não ingressaram pelas cotas e 23,5% das estudantes ingressaram pelo sistema de cotas. Já em 2017 69,7% das graduandas não ingressaram pelas cotas e 30,3% das estudantes ingressaram pelo sistema de cotas.

É possível observar que ao longo do período estudado o número de mulheres que ingressaram na graduação através do sistema de cotas tem aumentado continuamente. Vejamos agora o que se pode dizer sobre a origem escolar.

Tabela 38: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Privada	47,9%	52,1%	100,0%
Pública	54,7%	45,3%	100,0%
Não dispõe de informação	54,3%	45,7%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No que se refere às escolas de origem dos estudantes de graduação, a pesquisa mostra que no ano de 2014, 47,9% dos (as) estudantes que vieram de escolas

privadas eram mulheres e 52,1% homens, dos estudantes que vieram de escolas públicas 54,7% eram mulheres e 45,3% homens, dos estudantes de quem não dispomos informações 54,1% eram mulheres e 45,7% eram homens.

Tabela 39: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Privada	47,4%	52,6%	100,0%
Pública	53,3%	46,7%	100,0%
não dispõe da informação	54,1%	45,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Em 2015, 47,4% dos (as) estudantes que vieram de escolas privadas eram mulheres e 52,6% homens, dos (as) estudantes que vieram de escolas públicas 53,3% eram mulheres e 46,7% homens, dos estudantes de quem não dispomos informações 54,1% eram mulheres e 45,9% eram homens.

Tabela 40: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Privada	47,0%	53,0%	100,0%
Pública	52,0%	48,0%	100,0%
Não dispõe da informação	51,2%	48,8%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Já em 2016, 47,0% dos (as) estudantes que vieram de escolas privadas eram mulheres e 53,0% homens, dos (as) estudantes que vieram de escolas públicas 52,0% eram mulheres e 48,0% homens, dos estudantes de quem não dispomos informações 51,2% eram mulheres e 48,8% eram homens.

Tabela 41: Presença de estudantes de graduação na Universidade Federal de Uberlândia por escola de origem segundo sexo no ano de 2017

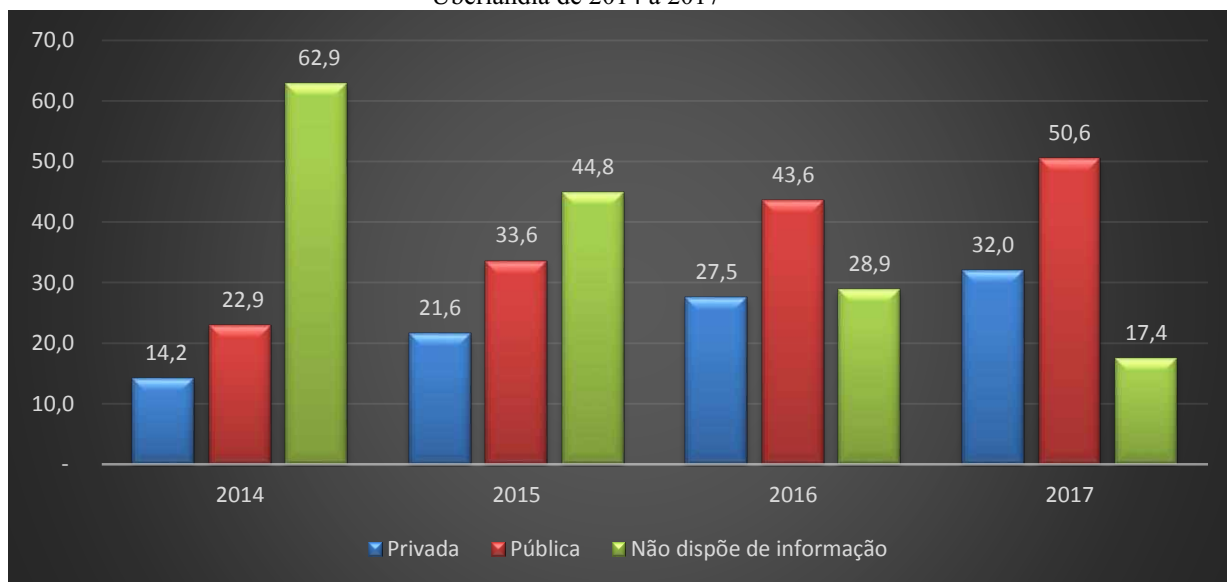
	Feminino	Masculino	Total
Privada	47,1%	52,9%	100,0%
Pública	51,5%	48,5%	100,0%
Não dispõe da informação	48,6%	51,4%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Em 2017, 47,1% dos estudantes que vieram de escolas privadas eram mulheres e 52,9% homens, dos estudantes que vieram de escolas públicas 51,5% eram mulheres e 48,5% homens, dos estudantes de quem não dispomos informações 48,6% eram mulheres e 51,4% eram homens.

Podemos observar através das tabelas dos anos analisados que percentualmente a maioria das mulheres vem de escolas públicas ao passo que percentualmente os homens vêm em sua maioria de escolas particulares. Também é notável que a maioria de estudantes de quem não dispúnhamos de informações sobre a escola de origem foi de mulheres até o ano de 2016, sendo que no ano de 2017 a porcentagem de mulheres de quem não tínhamos informações diminuiu para 48,6%.

Gráfico 16: Estudantes de graduação do sexo feminino por escola de origem na Universidade Federal de Uberlândia de 2014 a 2017



Fonte: Censo da Educação Superior 2014, 2015, 2016 e 2017(Criação própria).

No Gráfico 14, podemos observar que, no ano de 2014, as graduandas vieram 14,2% de escolas privadas, 22,9% de escolas públicas e não dispomos de informações de 62,9% das estudantes de graduação. Em 2015 21,6% das graduandas vieram de escolas privadas, 33,6% de escolas públicas e não dispomos de informações de 44,8% das estudantes de graduação. Em 2016, 27,5% das graduandas vieram de escolas privadas, 43,6% de escolas públicas e não dispomos de informações de 28,9% das estudantes de graduação. Já em 2017 32,0% das graduandas vieram de escolas privadas,

50,6% de escolas públicas e não dispomos de informações de 17,4% das estudantes de graduação.

Em que pese o fato de o grande número de estudantes de quem não dispúnhamos de informação, podemos observar que a porcentagem de estudantes vindas de escolas públicas vem crescendo continuamente e sendo maioria em todos os anos analisados, chegando a 50,6% no ano de 2017. Diferentemente da imagem elitizada que é propagada da universidade pública aqui observamos a presença massiva das graduandas vindas de escolas também públicas. Passa-se agora a observar outra variável importante, a proporção de concluintes. O MEC denomina assim os (as) estudantes que finalizaram todos os créditos necessários, mesmo que ainda não tenham colado grau (TCU/MEC, 2004).

Tabela 42: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2014

	Feminino	Masculino	Total
Matriculados	53,9%	46,1%	100,0%
Concluintes	58,9%	41,1%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2014 (tabulação própria).

No ano de 2014, as porcentagens dos (as) estudantes matriculados (as) eram 53,9% de estudantes mulheres e 46,1% de estudantes homens, enquanto 58,9% dos estudantes(as) concluintes eram mulheres e 41,1% eram homens.

Tabela 43: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2015

	Feminino	Masculino	Total
Matriculados	52,6%	47,4%	100,0%
Concluintes	62,1%	37,9%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2015 (tabulação própria).

Em 2015, 52,6% dos (as) estudantes matriculados (as) eram mulheres e 47,4% eram homens, 62,1% dos concluintes eram mulheres e 37,9% eram homens.

Tabela 44: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2016

	Feminino	Masculino	Total
Matriculados	51,2%	48,8%	100,0%
Concluintes	57,7%	42,3%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2016 (tabulação própria).

Em 2016, 51,2% dos (as) estudantes matriculados (as) eram mulheres e 48,8% eram homens, 57,7% dos (as) concluintes eram mulheres e 42,3% eram homens.

Tabela 45: Matriculados (as) e Concluintes segundo sexo na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2017

	Feminino	Masculino	Total
Matriculados	50,5%	49,5%	100,0%
Concluintes	56,8%	43,2%	100,0%

Fonte: Censo da Educação Superior 2017 (tabulação própria).

Já no ano de 2017, 50,5% dos (as) estudantes matriculados (as) eram mulheres e 49,5% eram homens, 56,8% dos concluintes eram mulheres e 43,2% eram homens.

A pesquisa demonstra através de dados quantitativos que as mulheres eram a maioria dos (as) estudantes de graduação e que também se formam mais que homens nos anos analisados pela pesquisa. As estudantes de graduação também são mais proporcionalmente representativas na conclusão do que os homens, já que elas são 52% da população discente, mas são 56% da população que se forma.

A pesquisa até aqui demonstrou que as estudantes são predominantemente da faixa etária de 18 a 24 anos, estudam no turno integral, estão matriculadas em cursos de licenciatura e da área de humanas, ingressaram pelo vestibular ou pelo ENEM, são oriundas de escolas públicas e são brancas. Além disto, as estudantes de graduação da UFU são majoritárias entre estudantes atendidos (as) pela assistência estudantil, participantes de atividades acadêmicas extracurriculares e entre concluintes dos cursos.

Conclusões

Como podemos observar pelas tabelas e gráficos, o perfil da estudante de graduação do sexo feminino na Universidade Federal de Uberlândia é maioria em quase todos os anos estudados, tendo uma queda de 2,6 pontos percentuais em 2017 em comparação ao ano anterior, assim como também são maioria dos concluintes em todos os anos. A maioria das graduandas está matriculada no turno integral e cursa licenciatura, sendo que mais de 60% em todos os anos analisados. A maioria das discentes é branca com a faixa etária entra 18 a 24 anos, mas podemos observar o crescimento sugestivo do número de estudantes pretas e pardas durante o período estudado. A forma de ingresso da maioria das discentes é através do vestibular e do ENEM.

No que tange a assistência estudantil, a maioria dos (as) alunos que participam de programas ou recebem bolsas são mulheres, assim como a maioria dos (as) estudantes que participam e recebem bolsas por de atividades extracurriculares são mulheres. A maior parte dos discentes que ingressaram por cotas são mulheres e podemos observar o aumento considerável do número de graduandas que ingressou através das cotas nos anos analisados pela pesquisa, de 8,3% em 2014 para 30,3% em 2017. Dos dados que dispomos, segundo o Censo do Ensino Superior, a maioria das estudantes de graduação do sexo feminino vem de escolas públicas e podemos analisar que ao longo dos anos abordados pela pesquisa o número de estudantes vindas do ensino público aumentou consideravelmente.

A pesquisa mostra que a maioria das estudantes de concentram nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Ciências da Saúde que somados mostram que mais da metade das estudantes está matriculada em cursos dessas áreas e o fato da maioria das estudantes estar matriculadas em licenciaturas mostra que os papéis sexuais no mudo do trabalho influenciam diretamente na escolha dos cursos e na vida acadêmica das graduandas.

Em que pese o fato de não termos os dados sobre a faixa de renda das estudantes de graduação da UFU, podemos usar como indicativo as estudantes que recebem assistência estudantil referente a transporte, alimentação e moradia, assistência essa que para se ter acesso é necessária a comprovação da necessidade através de documentos, como também os dados sobre o aumento de estudantes que ingressaram através das cotas e também o aumento do número das estudantes oriundas de escolas públicas. Dados como

esses nos mostram que a UFU é em grande parte ocupada por estudantes de classes populares.

É notável também que apesar das políticas públicas vindas do Programa de Assistência Estudantil não terem o direcionamento e o recorte de gênero, as mesmas tem funcionado na Universidade Federal de Uberlândia como importante ação para diminuir as desigualdades de gênero, sendo elas as mais atendidas pela assistência estudantil. Os dados apresentados corroboram com a importância de uma educação superior pública e de qualidade, assim como a manutenção e ampliação das políticas públicas de assistência estudantil para a garantia dos direitos constitucionais tanto femininos quanto masculinos.

Os dados nos mostram que, independente das mulheres serem maioria a ingressarem no ensino superior e também a maioria a se formar na UFU, a divisão sexual do trabalho continua a reger a escolha dos cursos de graduação e consequentemente as áreas de atuação profissional dessas mulheres.

Para quem olha os dados sem a devida contextualização social, analisando apenas a universidade pode aparentar que o machismo foi superado no âmbito da academia, mas a aparência mostra e oculta ao mesmo tempo uma estrutura social complexa que mantém um sistema capitalista, patriarcal e racista. Corroborando com a visão gramsciana de uma dinâmica interna movida por contradições, na qual a universidade atua simultaneamente como instrumento de classe que mantém a hegemonia e um lugar de disputa de novas concepções, a universidade ainda é um lugar que educa mulheres para exercer papéis sexuais no mundo do trabalho, mas também é um ambiente propício para tomada de consciência e organização que disputam a hegemonia com novas concepções de sociedade.

Assim fica claro o quão importante é apoiar o pensamento plural dentro das instituições de ensino superior assim como os movimentos de reivindicações dos docentes e discentes para não apenas para a melhoria da educação como também para a melhoria da condição feminina na sociedade como um todo.

Tal como esse trabalho havia se disposto como objetivo geral a identificar o perfil da estudante de graduação da Universidade Federal de Uberlândia e a partir desses dados mapear possíveis suas necessidades e vulnerabilidades, de acordo com isso chegamos a essas conclusões.

Referências Bibliográficas

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Diferença cai em sete anos, mas mulheres ainda ganham 20,5% menos que homens.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/23924-diferenca-cai-em-sete-anos-mas-mulheres-ainda-ganham-20-5-menos-que-homens>. Acesso em: 24 jul. 2019.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS IBGE. **Mercado de trabalho reflete desigualdades de gênero.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25223-mercado-de-trabalho-reflete-desigualdades-de-genero>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ANDIFES. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das IFES.** FONAPRACE. Brasília. 2014.

ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES.** FONAPRACE. Brasília. 2018.

BEAVOIR, S. **O segundo sexo: A experiência vivida.** São Paulo: Nova Fronteira, 2001. v. 2

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. Reversal of the gender gap in Brazilian education in the 20th century. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 136, p. 125–156, 2009.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. 10 maio 1988.

BRASIL. **O Brasil e os ODM — ODM Brasil.** Disponível em: <http://www.odmbrasil.gov.br/o-brasil-e-os-odm>. Acesso em: 19 abr. 2017.

COMUNICA UFU. **Comissão inicia política de gênero na UFU.** Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2015/10/comissao-inicia-politica-de-genero-na-ufu>. Acesso em: 23 out. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIVISÃO DE TEMAS EDUCACIONAIS. *Histórico do programa: introdução.* Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 10 dez. 2017.

FONAPRACE/ANDIFES. **IV Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos da IFES.** Brasília: FONAPRACE/ANDIFES, 2016. Disponível em: <http://201.57.207.35/fonaprace/wp-content/uploads/2016/08/DIAGRAMACAO-perfil2016.pdf>.

FONAPRACE/ANDIFES. V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos da IFES. Brasília: FONAPRACE/ANDIFES, 15 abr. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

HIRATA, H; KERGOAT, D. NOVAS CONGRÁFICOÇÕES DA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO. **Cadernos de Pesquisa**, Brasil, v. 37, n. 132, p. 595-609, dez/2007.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social revista de sociologia da USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun./2014.

HOFFMANN, R.; LEONE, E. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade de renda domiciliar per capita no Brasil: 1981 – 2002. **Nova Economia**, v. 14, n. 2, p. 35–58, mai/ago 2004.

IBGE. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2017.

INEP. **Censo do Ensino Superior 2015**. Brasília: MEC, 2015.

IPEA INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos**. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 23 out. 2019.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MOVIMENTO MULHERES EM LUTA. **Nas campanhas salariais, lutar por salário igual, para trabalho igual! Movimento Mulheres em Luta**, 17 ago. 2011. Disponível em: <<http://mulheresemluta.blogspot.com/2011/08/nas-campanhas-salariais-lutar-por.html>>. Acesso em: 19 abr. 2017

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Guia Acadêmico UFU - 2º semestre 2019 - Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas**. Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/guia>. Acesso em: 29 ago. 2019.

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Catálogo de Cursos**. Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/central-de-conteudos/documentos/2016/12/catalogo-de-cursos>. Acesso em: 25 nov. 2019.

REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Comunidades do repositório.** Disponível em: https://repositorio.ufu.br/?locale=pt_BR. Acesso em: 15 out. 2019.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** [s.l.] New York: Columbia University Press, 1990.

SCOTT, J. W.; KLANOVICZ, J.; FUNCK, S. B. O enigma da igualdade. **Estudos feministas**, p. 11–30, 2005.

TCU; MEC. ORIENTAÇÕES PARA O CÁLCULO DOS INDICADORES DE GESTÃO - DECISÃO TCU Nº 408/2002-PLENÁRIOTCU, , 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/indicadores.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2019

TOSI, L. Mulher e Ciência. **Cadernos pagu**, v. 10, p. 369–397, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Pauta da 3ª reunião/2018 do Conselho Universitário.** Disponível em: <http://www.ufu.br/acontece/2018/03/pauta-da-3a-reuniao2018-do-conselho-universitario>. Acesso em: 23 out. 2019.

VASCONCELOS, Natalia Batista. Programa Nacional de Assistência Estudantil: Uma análise da evolução da assistência estudantil ao longo da história da educação superior no Brasil. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v. 17, n. 2, p. 599-616, dez/2010.

VIANNA, C. P.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 77–104, 2004.